



Gabriel Ramos Caumo

**Exclusividade em relacionamentos
e bem-estar subjetivo: o papel moderador
do tipo de relacionamento**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Jean Carlos Natividade

Rio de Janeiro,
Julho de 2021



Gabriel Ramos Caumo

**Exclusividade em relacionamentos
e bem-estar subjetivo: o papel moderador
do tipo de relacionamento**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia
Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo.

Prof. Jean Carlos Natividade

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Amanda Londero-Santos

UFRJ

Prof. Vicente Cassepp-Borges

UFF/RJ

Profa. Anthonieta Looman Mafra

USP

Rio de Janeiro, 05 de julho de 2021.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2021
Todos os direitos reservados. É proibida a
reprodução total ou parcial do trabalho sem a
autorização da universidade, do autor e do
orientador.

Gabriel Ramos Caumo

Graduou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2018. É membro do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social da PUC-Rio. Atua na área clínica pela abordagem Gestalt-terapia.

Ficha Catalográfica

Caumo, Gabriel Ramos

Exclusividade em relacionamentos e bem-estar subjetivo : o papel moderador do tipo de relacionamento / Gabriel Ramos Caumo ; orientador: Jean Carlos Natividade. – 2021.

67 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Bem-estar subjetivo. 3. Monogamia. 4. Não-monogamia consensual. I. Natividade, Jean Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Aos meus pais pelo incentivo nos estudos e na carreira e pelo amor e apoio incondicionais.

Ao meu orientador Jean Natividade por acreditar em mim desde a graduação e por investir no meu potencial como pesquisador.

Ao professor Vicente Cassepp-Borges e à professora Anthonieta Looman Mafra pelas contribuições na qualificação e por aceitarem o convite para participar da banca de defesa.

À professora Amanda Londero-Santos pelas contribuições com as análises e por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À minha colega de mestrado, Maria Clara Moreira, pela troca de conhecimentos e pelo suporte.

À minha amiga Thainá Ferraz pelo apoio emocional e por ser uma inspiração.

Aos meus queridos amigos e colegas do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social (L2PS) por todo o aprendizado, acolhimento e suporte.

Ao meus amigos e familiares que sempre zelaram pelo meu bem-estar e felicidade.

Ao meu terapeuta, Bernardo Pimentel, por me entender e me ajudar a crescer diante das adversidades.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Caumo, Gabriel Ramos; Natividade, Jean Carlos. **Exclusividade em relacionamentos e bem-estar subjetivo: o papel moderador do tipo de relacionamento.** Rio de Janeiro, 2021. 67p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na cultura ocidental moderna a monogamia é vista como a melhor, senão a única, forma de relacionamento amoroso. A monogamia refere-se à exclusividade emocional e sexual entre dois parceiros amorosos. Por outro lado, relacionamentos não-monogâmicos consensuais (RNMC) são aqueles em que há um acordo de não-exclusividade emocional e/ou sexual entre os envolvidos. Estudos mostram que algumas características individuais se relacionam com a escolha por relacionamentos monogâmicos ou RNMC, tais como níveis de apego, homossexualidade e personalidade. RNMC fogem a cultura mononormativa e as pessoas que se envolvem nesse tipo de relacionamento são estigmatizadas. O objetivo da presente dissertação foi investigar o papel do tipo de relacionamento na relação entre a Exclusividade em Relacionamentos e o bem-estar subjetivo. Para isso foram desenvolvidos dois estudos. No primeiro, buscou-se construir uma escala para medir Exclusividade em Relacionamentos com itens contextualizados. A escala construída apresentou 11 itens, divididos em dois fatores (Monogamia e Fidelidade), bons indicadores de fidedignidade e evidências de validade satisfatórias. No segundo estudo, utilizou-se escala desenvolvida no estudo anterior para verificar o efeito da Exclusividade em Relacionamentos no bem-estar subjetivos de indivíduos em relacionamentos monogâmicos e RNMC. Os resultados indicaram que só há interação entre o fator monogamia da Exclusividade em Relacionamento com os afetos positivos e a satisfação de vida (fatores do bem-estar subjetivo) no grupo de pessoas em relacionamentos monogâmicos. A conclusão discute a relação entre a cultura mononormativa e a escolha por relacionamentos monogâmicos ou RNMC, assim como o impacto dessa escolha no bem-estar subjetivo.

Palavras-chave:

bem-estar subjetivo; monogamia; não-monogamia consensual.

Abstract

Caumo, Gabriel Ramos; Natividade, Jean Carlos (Advisor). **Exclusivity in relationships and subjective well-being: the moderating role of the relationship type.** Rio de Janeiro, 2021. 67p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In modern Western culture monogamy is seen as the best, if not the only, form of loving relationship. Monogamy refers to emotional and sexual exclusivity between two loving partners. On the other hand, consensual non-monogamous relationships (CNMR) are those in which there is an emotional and/or sexual non-exclusivity agreement between those involved. Studies show that there are some individual characteristics that relate to choosing monogamous relationships or CNMR, such as attachment, sociosexuality and personality. CNMR escapes the mononormative culture and people who get involved in these types of relationships are stigmatized. The aim of this dissertation was to investigate the role of the type of relationship in the relationship between Relationship Exclusivity and subjective well-being. Two studies were developed. In the first, we sought to build a scale to measure Relationship Exclusivity with contextualized items. The constructed scale had 11 items, divided into two factors (Monogamy and Fidelity), good indicators of reliability and satisfactory evidences of validity. In the second study, the scale developed in the previous study was used to verify the effect of Relationship Exclusivity on the subjective well-being of individuals in monogamous relationships and CNMR. The results indicated that there is only interaction between the Monogamy factor of Exclusiveness in Relationship with positive affects and life satisfaction (factors of subjective well-being), in the group of people in monogamous relationships. The conclusion discusses the relationship between mononormative culture and the choice for monogamous relationships or CNMR, as well as the impact of this choice on subjective well-being.

Keywords:

subjective well-being; monogamy; non-consensual monogamy.

Sumário

1. Introdução	9
2. Artigo I - Propriedades Psicométricas da Escala de Exclusividade em Relacionamentos	14
2.1. Resumo	15
2.2. Abstract	16
2.3. Resumen	17
2.4. Introdução	18
2.5. Método	20
2.5.1. Participantes	20
2.5.2. Instrumentos	21
2.5.3. Procedimentos	23
2.6. Resultados	25
2.7. Discussão	31
2.8. Referências	34
3. Artigo II - Exclusividade em relacionamentos e bem-estar subjetivo: o papel moderador do tipo de relacionamento	39
3.1. Resumo	39
3.2. Abstract	40
3.3. Resumen	41
3.4. Introdução	42
3.5. Método	48
3.5.1. Participantes	48
3.5.2. Instrumentos	48
3.5.3. Procedimentos	50
3.6. Resultados	50
3.7. Discussão	53
3.8. Referências	56
4. Considerações finais	61
5. Referências	63
6. Apêndice A - Escala de Exclusividade em Relacionamentos	66

Lista de Figuras e Tabelas

Artigo I

Tabela 1 - Cargas Fatoriais dos Itens da Escala de Exclusividade em Relacionamentos para Análises Fatoriais	66
Tabela 2 - Índices de Ajuste dos Modelos Testados	26
Tabela 3 - Correlações entre os Fatores da Escala de Exclusividade em Relacionamentos e Outras Variáveis	28
Tabela 4 - Médias, Desvios-Padrões e Diferenças entre Grupos de acordo com as Questões Critério	30

Artigo II

Tabela 1 - Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo	50
Tabela 2 - Comparação entre os Ajustes do Modelo 1 Irrestrito e os Modelos (parcialmente) Restritos	51
Figura 3 - Modelo estrutural do impacto da exclusividade no relacionamento no bem-estar subjetivo em monogâmicos e não monogâmicos	52

Introdução

Há uma crença nas sociedades ocidentais modernas de que os relacionamentos monogâmicos, no qual há um acordo de exclusividade e fidelidade entre dois parceiros, seriam superiores a outras formas de relacionamentos amorosos (Anderson, 2010; Hutzler, Giuliano, Herselman & Johnson, 2016). Esses relacionamentos seriam considerados mais adequados do que, por exemplo, relacionamentos não-monogâmicos consensuais (RNMC), no qual há um acordo de não exclusividade entre dois ou mais parceiros (Conley, Piemonte, Gusakova, & Rubin, 2018; Lehmiller, 2020; Moors, Selterman, & Conley, 2017). Anderson (2010) descreve como indivíduos norte-americanos e europeus são socializados a valorizar e desejar a monogamia em detrimento de outras formas de relacionamentos.

Finn (2012) utiliza o termo mononormatividade para se referir a crença de que a monogamia é natural, moralmente superior e essencial para os relacionamentos amorosos. A influência da mononormatividade pode ser vista no estudo de Sizemore e Olmsteade (2018), no qual 78,7% da amostra declarou não estar disposta a engajar-se em RNMC. O principal motivo (citado por 52,2% desse grupo) para isso era a crença de que a monogamia é natural e superior a outras formas de relacionamentos, além de acharem que RNMC não seriam relacionamentos de verdade.

Apesar da cultura ocidental favorecer uma preferência pelos relacionamentos monogâmicos (Anderson, 2010; Finn, 2012), estudos mostram que características individuais podem influenciar na escolha por relacionamentos monogâmicos ou RNMC. Por exemplo, numa amostra de indivíduos solteiros ou em relacionamentos monogâmicos, o apego evitativo correlacionou-se positivamente com a atitude frente a RNMC e predisse positivamente o engajamento em RNMC (Moors, Conley, Edelstein, & Chopik, 2015). Já o apego ansioso correlacionou-se negativamente com a atitude frente a RNMC. Porém, na amostra com pessoas em RNMC e em relacionamentos monogâmicos, aqueles com menores níveis de apego evitativo eram mais prováveis de estar em um RNMC do que em um relacionamento monogâmico (Moors, Conley, Edelstein, & Chopik, 2015).

Outra característica individual que se relaciona com a escolha pelo tipo de relacionamento é a homossexualidade (i.e., disposição para fazer sexo casual). Homens em relacionamentos poliamorosos apresentaram maiores médias em homossexualidade do que homens em relacionamentos monogâmicos (Morrison, Beaulieu, Brockman, & Beaglaich, 2013). Além disso, a homossexualidade prevê positivamente a atitude frente a RNMC (relação que é moderada por níveis de apego evitativo) e o engajamento em RNMC (Ka, Bottcher, & Walker, 2020). Ainda, a homossexualidade correlacionou-se positivamente com ter fantasias sexuais com RNMC (Lehmiller, 2020).

Traços de personalidade também estão relacionados com a escolha por tipos de relacionamentos. No estudo de Sizemore e Olmstead (2018), o grupo de indivíduos dispostos em engajarem-se em um RNMC apresentou menor nível de Socialização/Agradabilidade (i.e., tendência a empatia e ao altruísmo), do que o grupo que não está disposto. Em outro estudo, Abertura a experiências predissem atitudes mais positivas e uma maior disposição para engajar em um RNMC; enquanto Conscienciosidade/Realização predissem negativamente atitude e engajamento em RNMC (Moors, Seltermann, & Conley, 2017).

Em relação às sete características da personalidade relacionadas à sexualidade (i.e., Sexy Seven, Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000), indivíduos em relacionamentos monogâmicos diferem de indivíduos em RNMC em todas as sete dimensões da sexualidade (Silva, Caumo, & Natividade, 2019). Quando divididos por sexo, as mulheres em RNMC apresentaram maiores médias em Atratividade Sexual, Orientação de Gênero (indicando que se consideravam mais masculinas), Disposição Erótica e menores médias em Investimento Emocional, Exclusividade em Relacionamentos, Restrição Sexual e Orientação Sexual (indicando que se consideravam menos homossexuais) do que as mulheres em relacionamentos monogâmicos. Enquanto os homens em RNMC apresentaram menores médias em Orientação de Gênero (indicando que se consideravam menos masculinos) e Exclusividade em Relacionamentos do que os homens em relacionamentos monogâmicos (Silva et al., 2019).

Os seres humanos demonstram uma pluralidade de formas de se relacionar que estão relacionadas com suas características individuais (e.g., homossexualidade e traços de personalidade) e contextuais (e.g., disponibilidade

de parceiros, normas sociais). É possível assumir que pessoas com tendências a ter muitos parceiros e/ou buscar por sexo sem compromisso engajariam-se em relacionamentos menos compromissados (e.g., ficar, amizade colorida, sexo casual) ou com acordos de não-exclusividade (e.g., RNMC); enquanto pessoas com tendências a ter um único parceiro de forma duradoura e dedicação exclusiva engajar-se-iam em relacionamentos compromissados e com acordos de exclusividade mútua (e.g., relacionamentos monogâmicos). Levantado em conta apenas os fatores individuais, as pessoas engajar-se-iam em relacionamentos condizentes com suas características pessoais.

No entanto, no contexto de uma cultura mononormativa, os relacionamentos monogâmicos são privilegiados em detrimento de outras formas de relacionamentos amorosos (Anderson, 2010; Finn, 2012; Hutzler, Giuliano, Herselman & Johnson, 2016). Um estudo mostrou que a percepção sobre relacionamentos monogâmicos e as pessoas envolvidas neles estaria suscetível a um efeito *halo*, pelo qual lhes são atribuídas características positivas. Por exemplo, relacionamentos monogâmicos foram julgados como mais satisfatórios e como tendo uma grande variedade de benefícios quando comparado com as percepções de RNMC. Além disso, pessoas em relacionamentos monogâmicos foram consideradas como mais felizes (Conley, Moors, Matsick, & Ziegler, 2013). Porém estudos com indivíduos nesses dois tipos de relacionamentos não corroboram tais percepções (Morrison, Beaulieu, Brockman, & Beaglaich, 2013; Rubel & Bogaert, 2014; Séguin et. al, 2017). Isso indica que as percepções das pessoas sobre os benefícios das relações monogâmicas podem estar sendo influenciadas por estigmas sobre os RNMC e pelo efeito *halo* sob a monogamia e, portanto, não condiriam com a realidade.

Considerando os fatores internos/disposicionais (apego, homossexualidade e personalidade) e externos/contextuais (mononormatividade, estigmas frente as RNMC e o efeito *halo* sob a monogamia) apresentados, é possível afirmar que as pessoas não optam por relacionamentos amorosos somente com base em suas características individuais. A cultura desempenha um importante papel nessa escolha. Dentro de uma cultura mononormativa ocidental, por exemplo, pessoas com disposições internas para relacionamentos menos exclusivos (e.g., baixos níveis de Exclusividade em Relacionamentos) engajar-se-iam em relacionamentos

monogâmicos por influência de fatores externos, gerando assim uma dissonância com suas características individuais. Visto que os relacionamentos amorosos apresentam impacto positivo no bem-estar subjetivo dos envolvidos (e.g., Dush & Amato; 2005; Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, 2021), pode-se perguntar: qual o impacto de vivenciar um relacionamento dissonante das características individuais no bem-estar subjetivo?

O objetivo da presente dissertação foi investigar o papel moderador do tipo de relacionamento vivenciado (monogâmico e não-monogâmico consensual) na relação entre o traço de personalidade Exclusividade em Relacionamentos e o bem-estar subjetivo. A Exclusividade em Relacionamentos é um dos sete fatores de personalidade relacionados à sexualidade e foi escolhida como variável preditora justamente por se referir a disposição de engajar em um relacionamento amoroso monogâmico e de forma exclusiva (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). O bem-estar subjetivo (BES) foi escolhido como variável desfecho por se tratar de uma avaliação global da vida de uma pessoa (Diener, 2013). Dessa forma, será possível observar o impacto de uma característica interna (Exclusividade em Relacionamentos) na percepção de bem-estar (BES) de acordo com o grupo em que se encontra (tipo de relacionamento: monogâmico ou RNMC).

A hipótese elaborada é que os indivíduos que estariam em um tipo de relacionamento que não condiz com seus níveis de Exclusividade em Relacionamentos apresentariam níveis de bem-estar subjetivo mais baixos do que aqueles condizentes. Por exemplo: no grupo de pessoas vivenciando um relacionamento monogâmico, aquelas com baixos níveis de exclusividade apresentariam menores níveis de bem-estar subjetivo do que aquelas altos níveis de exclusividade. Ou seja, a diminuição no BES ocorreria não pelo tipo de relacionamento por si só, mas devido a dissonância entre uma característica individual, nesse caso a Exclusividade em Relacionamentos, e o tipo de relacionamento escolhido.

Para atingir o objetivo geral do estudo, procurou-se por instrumentos que avaliassem a Exclusividade em Relacionamentos. Os instrumentos originais (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000) foram construídos a partir da hipótese lexical e são compostas por adjetivos descritores de traços (monogâmico,

poligâmico, fiel, infiel). Apesar de apresentaram satisfatórias evidências de validade e indicadores de fidedignidade satisfatórios, a presença dos adjetivos de forma descontextualizada pode gerar dúvidas de interpretação e perder a sutileza dos detalhes nas respostas dos participantes. Com isso, houve uma necessidade de construir um novo instrumento composto por itens contextualizados. Logo, o objetivo do primeiro estudo foi construir uma escala de Exclusividade em Relacionamentos e buscar por evidências de validade e indicadores de fidedignidade.

A escala construída nesse estudo é baseada nos estudos originais sobre as sete dimensões da personalidade relacionadas à sexualidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Nesses estudos, a Exclusividade em Relacionamentos (ER) é descrita como o quanto um indivíduo está disposto a engajar-se em um relacionamento amoroso exclusivo. É composta por dois fatores: Monogamia, que diz respeito à disponibilidade em engajar-se num relacionamento amoroso comprometido e exclusivo com uma única pessoa; e Fidelidade, que se refere ao quão disposto uma pessoa está em ser fiel ao(a) parceiro(a). Indivíduos com altos níveis de ER tendem a preferir relacionamentos comprometidos, monogâmicos e prezam por se manterem fiéis. Indivíduos com baixos níveis em ER tendem a preferir relacionamentos descomprometidos com mais parceiros, que podem ocorrer de forma simultânea, e não dão muita importância para a fidelidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000).

O segundo estudo buscou responder o objetivo principal da dissertação. A escala de Exclusividade em Relacionamentos construída no primeiro estudo foi utilizada, assim como as escalas de afetos positivos e negativos (Zanon, Dellazzana-Zanon, & Hutz, 2014) e de satisfação de vida (Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2014) para medir o bem-estar subjetivo nos grupos de indivíduos em relacionamentos monogâmicos e RNMC. Com isso, verificou-se como a Exclusividade em Relacionamentos e o tipo de relacionamento interagem para prever o BES.

Propriedades Psicométricas da Escala de Exclusividade em Relacionamentos

Psychometric Properties of the Exclusivity in Relationships Scale

Propiedades psicométricas de la escala de exclusividad en las relaciones

Escala de Exclusividade em Relacionamentos

Resumo

Exclusividade em relacionamentos refere-se a quanto um indivíduo está disposto a engajar-se num relacionamento amoroso comprometido, monogâmico e de forma fiel. É uma das sete dimensões da sexualidade que, assim como traços de personalidade, apresenta relativa estabilidade no decorrer da vida. Ela é composta por dois fatores dispostos em contínuos: monogâmico-poligâmico; fiel-infiel. Diferenças nesse construto apontam para a pluralidade das estratégias sexuais humanas. O presente estudo teve como objetivo a construção de uma escala para medir a Exclusividade em Relacionamento e a busca por evidências de validade e indicadores de fidedignidade. Participaram da pesquisa 797 brasileiros das cinco regiões do país, média de idade de 28,1 anos. Após análises fatoriais exploratórias e confirmatórias encontrou-se uma estrutura de dois fatores para o instrumento. Como esperado teoricamente, os dois fatores (Fidelidade e Monogamia) se correlacionaram com apego, sociossexualidade e personalidade. O instrumento apresentou satisfatórias evidências de validade e adequados indicadores de fidedignidade.

Palavras-chave: relacionamentos; monogamia; fidelidade; personalidade.

Abstract

Exclusivity in relationships refers to how much an individual is willing to engage in a committed, monogamous and faithful love relationship. It is one of the seven dimensions of sexuality that, as well as personality traits, is relatively stable throughout life. It is composed of two factors arranged in continuous: monogamous-polygamous; faithful-infidel. Differences in this construct point to the plurality of human sexual strategies. The present study aimed to build a scale to measure Exclusivity in Relationship and the search for evidence of validity and reliability indicators. Participants were 797 Brazilians from the five regions of the country, mean age of 28.1 years. After exploratory and confirmatory factor analyzes, a two-factor structure for the instrument was found. As theoretically expected, the two factors (Fidelity and Monogamy) correlated with attachment, sociosexuality and personality. The instrument presented satisfactory evidence of validity and acquired indicators of reliability.

Keywords: relationships; monogamy; fidelity; personality.

Resumen

La exclusividad en las relaciones se refiere a cuánto un individuo está dispuesto a s enredar en una relación amorosa comprometida, monógama y fiel. Esta es una de las siete dimensiones de la sexualidad que, al igual que los rasgos de personalidad, tiene estabilidad a lo largo de la vida. Se compone de dos factores dispuestos en continuo: monógamo-polígamo; fiel-infiel. Las diferencias en este constructo apuntan a la pluralidad de estrategias sexuales humanas. El presente estudio tuvo como objetivo construir una escala para medir la Exclusividad en la Relación y la búsqueda de evidencia de validez y indicadores de confiabilidad. Participaron 797 brasileños de las cinco regiones del país, con una edad promedio de 28,1 años. Después de análisis factoriales exploratorios y confirmatorios, se encontró una estructura de dos factores para el instrumento. Como se esperaba teóricamente, los dos factores (Fidelidad y Monogamia) se correlacionaron con el apego, sociosexualidad y personalidad. El instrumento presentó satisfactoria evidencia de validez y apropiados indicadores de confiabilidad.

Palabras clave: relaciones; monogamia; fidelidad; personalidad.

A sexualidade humana é objeto de estudo de diferentes áreas como a sociologia, antropologia, medicina, biologia, entre outras. Na psicologia, diversos estudos investigam diferentes aspectos da sexualidade, tais como atração e retenção de parceiros amorosos, qualidade e satisfação nos relacionamentos amorosos, patologias relacionadas à sexualidade etc. No que se refere à personalidade, em um pioneiro estudo, Schmitt e Buss (2000) buscaram identificar os componentes da sexualidade humana, fundamentando-se na perspectiva lexical (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Schmitt e Buss elaboraram uma lista de adjetivos relacionados à sexualidade (e.g., carinhoso, atraente, fiel) e, por meio de análises fatoriais, descobriram sete dimensões da sexualidade: Atratividade Sexual, Orientação de Gênero, Disposição Erótica, Investimento Emocional, Exclusividade em Relacionamentos, Restrição Sexual e Orientação Sexual, conhecidas como Sexy-Seven (Schmitt & Buss, 2000).

Em um estudo realizado no Brasil, Natividade e Hutz (2016) também mapearam a sexualidade humana e encontraram os mesmos sete fatores de Schmitt e Buss (2000). Tanto Schmitt e Buss (2000), quanto Natividade e Hutz (2016) usaram apenas adjetivos como itens de seus instrumentos de sexualidade. Esses instrumentos com adjetivos (descritores de traços), apesar de comuns e úteis para acessar características de personalidade, podem ser considerados limitados. Por exemplo, um adjetivo descontextualizado pode gerar dúvidas de interpretação e ter significados diversos. Diante disso, neste estudo, tem-se o objetivo de elaborar um instrumento, com itens contextualizados para aferir um desses sete fatores, nomeadamente, a Exclusividade em Relacionamentos.

A Exclusividade em Relacionamentos diz respeito a quanto uma pessoa está disposta a engajar-se em um relacionamento amoroso exclusivo, ou seja, a tendência a ser monogâmico e fiel. Altos níveis nesse fator indicam uma preferência por relacionamentos compromissados e monogâmicos e por se manter fiel ao(à) parceiro(a), enquanto baixos níveis indicam uma preferência por múltiplos relacionamentos descompromissados, podendo eles ocorrerem de forma simultânea, e dando pouca importância à fidelidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000).

A predisposição a engajar-se em um relacionamento exclusivo está relacionada à estratégia sexual e reprodutiva (Buss & Schmitt, 1993). Por

exemplo, quanto mais fiel e monogâmica uma pessoa for, mais ela vai buscar e manter um único relacionamento compromissado, caracterizando uma estratégia sexual de longo prazo. Por outro lado, aqueles que são menos monogâmicos e menos fiéis irão optar por se relacionar sem compromisso e com vários parceiros, caracterizando uma estratégia sexual de curto prazo (Buss & Schmitt, 1993). Em termos evolutivos e diante da incerteza da paternidade, para os homens as estratégias de curto-prazo apresentaram mais vantagens, já para as mulheres as estratégias de longo-prazo foram mais vantajosas (Fisher, 2016; Schmitt, 2016). Apesar de serem encontradas diferenças de gênero na adoção de estratégias reprodutivas em diversas culturas (ver Schmitt, 2005), dentre os gêneros há variações nas estratégias adotadas.

As variações nas estratégias reprodutivas podem decorrer de diversos fatores. Considerando-se os fatores ambientais, pode-se destacar a proporção homem/mulher no ambiente; a quantidade de recursos disponíveis e o índice de patógenos (Schmitt, 2016). Entre os fatores individuais, podem-se destacar os traços de personalidade e outras características disposicionais, tais como apego adulto, orientação homossexual e os cinco grandes fatores de personalidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000; Schmitt, 2004; Natividade & Shiramizu, 2015).

A evitação relacionada ao apego, por exemplo, está associada a uma maior disposição a engajar-se em relacionamentos não-monogâmicos consensuais (Moors, Conley, Edelstein & Chopik, 2015) e a cometer um ato de infidelidade (Beaulieu-Pelletier, Philippe, Lecours & Couture, 2011). A ansiedade relacionada ao apego, por outro lado, mostrou-se negativamente correlacionada com atitude frente a relacionamentos não-monogâmicos consensuais, porém sem correlação com a disposição a engajar-se nesse tipo de relacionamento (Moors et al., 2015). De maneira geral, pessoas que apresentam o estilo de apego seguro tendem a ter relacionamentos mais duradouros e compromissados.

No que diz respeito à orientação homossexual, Morrison, Beaulieu, Brockman e Beaglaich (2013), por exemplo, verificaram que homens em relacionamentos poliamorosos (não-monogâmicos) apresentaram médias significativamente maiores em homossexualidade do que aqueles em relacionamentos monogâmicos. Além disso, indivíduos mais irrestritos

sexualmente são mais propensos a buscarem relações extra-diádicas (e.g., Barta & Kiene, 2005; Mattingly, Clark, Weidler, Bullock, Hackathorn, & Blankmeyer, 2011).

Além do estilo de apego e da homossexualidade, os cinco grandes fatores de personalidade também têm se mostrado relacionados à exclusividade em relacionamentos. Os fatores Conscienciosidade/Realização (tendência ao autocontrole na realização de tarefas que conduzem a um objetivo, a ser disciplinado e organizado) e Socialização (tendência a ser empático e altruísta), por exemplo, correlacionam-se negativamente com a infidelidade (Schmitt, 2004). Esses mesmos fatores também apresentam associações negativas com a atitude, desejo e disposição a engajar-se em um relacionamento não-monogâmico (Moors, Selterman & Conley, 2017; Sizemore & Olmsteade, 2018).

No Brasil, Natividade e Hutz (2016) observaram que quanto maiores os níveis de Exclusividade em Relacionamentos, menores níveis de Neuroticismo (tendência à instabilidade emocional), Extroversão (tendência a ser ativo e comunicativo) e Abertura a novas experiências (tendência a experimentar coisas novas) e maiores níveis de Realização (tendência ao autocontrole, disciplina e organização). Nesse mesmo estudo, foram encontradas correlações entre a Exclusividade em Relacionamentos e outras dimensões da sexualidade (Sexy-Seven). Exclusividade em Relacionamento se correlacionou positivamente com Investimento Emocional (disposição a investir em um relacionamento) e negativamente com Disposição Erótica (o quanto uma pessoa está disposta a ter relações sexuais), por exemplo. Os resultados fortalecem a ideia de que, quanto maior a disposição para engajar-se em um relacionamento exclusivo, maior a disposição a investir – tempo, recursos, dedicação etc. – em um relacionamento e menor a disposição para ter relações sexuais.

Método

Participantes

Participaram 795 brasileiros, sendo 64,7% mulheres e 35,3% homens. A idade variou entre 18 e 69 anos ($M = 28,2$ anos, $DP = 9,35$). A maior parte dos participantes, 58,4%, vivia na região Sul do país; 22,5%, na região Sudeste; 7,7%, na região Nordeste; 5,4%, na região Centro-Oeste; 4,5%, na região Norte; e 1,5% estava morando fora do Brasil. Quanto à escolaridade, 5,8% tinham até o ensino

médio completo, 45,4% tinham ensino superior incompleto, e 48,8% tinham o ensino superior completo. Em relação a situação financeira, 3,4% da amostra considerou ter uma situação financeira pior ou muito pior do que a média da população brasileira, 44,5% consideraram ter uma situação financeira similar a média nacional e 51,8% considerou ter uma situação financeira melhor ou muito melhor do que a média nacional.

Quanto ao *status* do relacionamento amoroso, 69,7% dos participantes declararam estar em um relacionamento amoroso, sendo que 44,9% estavam em um namoro, 24,6% em um casamento, 10% em uma união estável, 5,1% em um noivado e 15,4% estavam em relacionamentos menos compromissados (e.g., ficando, amizade colorida, em um rolo, casos sexuais). Em relação a orientação sexual, 80,1% se consideravam heterossexuais, 7,0% gays/lésbicas, 5,7% bissexuais, e 1,5% não soube ou não quis informar.

Instrumentos

Questionário para especialistas. Um questionário *on-line* com questões sociodemográficas, a definição operacional do construto Exclusividade em Relacionamentos e o conjunto de 30 itens elaborados para aferi-lo. Os juízes, especialistas no assunto, deveriam avaliar cada item como representativo ou não do construto estudado, em uma escala de três pontos. Abaixo dos itens, havia ainda um espaço para os especialistas sugerirem modificações para adequá-lo à definição do construto ou escrever novos itens.

Questionário para a população geral. Um questionário *on-line* contendo questões sociodemográficas, questões-critério, questões-controle, a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Ribas, Moura, & Hutz, 2004), a escala Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil; Natividade & Shiramizu, 2015), a Bateria Fatorial da Personalidade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010), o Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R-Brasil, Natividade, Fernandes, & Hutz, 2013) e a Escala de Exclusividade em Relacionamentos, desenvolvida neste estudo. A seção de perguntas sociodemográficas continha perguntas sobre o gênero, a idade, a escolaridade, o estado de residência, a orientação sexual, sobre o relacionamento amoroso atual e a situação financeira. As questões-critério eram: (1) Considerando o que você compreende por relacionamento amoroso, até onde você lembra, alguma vez na

sua vida você já vivenciou dois, ou mais, relacionamentos amorosos ao mesmo tempo?; (2) Considerando o que você compreende por relacionamento amoroso, até onde você lembra, alguma vez na sua vida você já foi infiel a um parceiro(a) de relacionamento? As questões-controle eram itens alocados aleatoriamente no questionário para verificar se o participante estava respondendo com atenção (e.g., “Essa é uma questão controle, por favor, marque o número dois como resposta”).

A Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Crowne & Marlowe, 1960, versão brasileira de Ribas et al., 2004) avalia a tendência de um indivíduo a responder conforme o que se é esperado socialmente. Quanto maiores os escores nessa escala, maior a tendência a se comportar de acordo com o que é socialmente aceito. Ela é formada por 13 afirmativas das quais os participantes respondem o quanto cada uma o descreve verdadeiramente. Quanto maiores os escores, maior desejabilidade social. No estudo de adaptação para o contexto brasileiro, o instrumento apresentou um coeficiente alfa de 0,70.

A Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil; adaptada por Natividade & Shiramizu, 2015 do original de Wei, Russell, Mallinckrodt, & Vogel, 2007) mede duas dimensões do apego adulto - ansiedade relacionada ao apego e evitação relacionada ao apego. Cada dimensão é composta por cinco afirmativas e os participantes respondem em uma escala de sete pontos o quanto concordam com cada item. Quanto maiores os escores nos fatores, maiores os níveis de evitação e ansiedade relacionados ao apego. No estudo de Natividade e Shiramizu (2015), ambos fatores apresentaram coeficiente alfa de 0,73.

O Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R-Brasil, versão brasileira de Natividade et al., 2013 do original de Penke & Asendorpf, 2008) mede a restrição/irrestrição em relação ao sexo causal, por meio de três fatores: a atitude (o quanto se é favorável ou contra o sexo casual), o desejo (o quanto se quer ter relações sexuais sem estar em um relacionamento comprometido), e o comportamento (o quanto, de fato, se faz sexo sem compromisso). Quanto maiores os escores nos fatores, maior irrestrrição sexual. A versão brasileira apresentou coeficientes alfa variando entre 0,85 a 0,89 nos fatores.

A Bateria Fatorial da Personalidade (BFP, Nunes et al., 2010) mede os cinco grandes fatores da personalidade: Extroversão, Socialização, Neuroticismo,

Realização e Abertura a experiências. Trata-se de um teste de personalidade construído para a realidade brasileira e composto por 126 itens, nos quais os participantes avaliam o quanto cada um deles descreve adequadamente, em uma escala de sete pontos. Os coeficientes alfa dos fatores variam de 0,74 a 0,89.

A Escala de Exclusividade em Relacionamentos (ExRel), desenvolvida neste estudo, em sua versão final, conta com 11 itens que medem o quanto o indivíduo está disposto a engajar-se em um relacionamento compromissado e exclusivo. Ela se baseia na dimensão de mesmo nome do instrumento Sexy-7-Brasil (Natividade & Hutz, 2016) e acessa dois fatores: a monogamia, que avalia o espectro monogâmico-poligâmico; e a fidelidade, que avalia o espectro fiel-infiel.

Questionário para a população geral - segunda aplicação. Um segundo questionário aplicado em alguns participantes da primeira aplicação após um intervalo de 60 dias. Além da Escala de Exclusividade em Relacionamentos, o questionário continha a escala Sexy-7-Brasil (Natividade & Hutz, 2016). A Sexy-7-Brasil é uma escala que acessa os sete fatores da sexualidade humana por meio de itens em formato de adjetivos. O instrumento contém 27 itens que medem: Atratividade Sexual, Orientação de Gênero, Orientação Sexual, Investimento Emocional, Disposição Erótica, Restrição Sexual e Exclusividade em Relacionamentos. Os participantes devem responder em uma escala de sete pontos o quanto consideram que cada adjetivo os descreve adequadamente. Neste estudo utilizou-se apenas os dados do fator Exclusividade em Relacionamento da escala Sexy-7-Brasil, o qual é medido por meio de quatro adjetivos: fiel, infiel, monogâmica(o) e poligâmica(o).

Procedimentos

De elaboração dos itens. Após revisão de literatura (e.g., Natividade & Hutz, 2016; Sizemore & Olmstead, 2018), elaborou-se uma definição do construto Exclusividade em Relacionamentos: refere-se a quanto uma pessoa é disposta a engajar-se em um relacionamento amoroso exclusivo. Diz respeito ao nível de preferência por estabelecer relacionamentos amorosos com apenas uma pessoa. Pessoas altas em exclusividade querem manter seu relacionamento com apenas uma pessoa por vez, são fiéis aos seus parceiros, gostam de ser monogâmicas e ter apenas um parceiro sexual. Pessoas baixas em exclusividade querem ter vários parceiros ao longo da vida, inclusive podem ter vários ao mesmo tempo, não se

preocupam com fidelidade em relacionamentos, podem ser infiéis e preferem relacionamentos poligâmicos. Em seguida, formularam-se 30 itens referentes ao construto e encaminhou-se a lista com os itens para cinco juízes especialistas (doutores em psicologia e experientes em elaboração de instrumentos) avaliarem, de forma independente, o quanto cada item representava adequadamente o construto. Os juízes respondiam em uma escala de três pontos o quanto o item era representativo do construto, sendo o 3 = representa bem o construto. Os itens com médias menores que 2,5 de representatividade foram excluídos da versão beta do instrumento. Assim, com as exclusões e incorporação das sugestões dos juízes, obteve-se a versão beta do instrumento com 16 itens.

Éticos. O presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, submetido à Plataforma Brasil sob número CAAE 30359120.5.0000.5582. No início do questionário havia um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) que explicava o objetivo da pesquisa e os direitos dos participantes, tais como: a garantia do anonimato, o sigilo das informações fornecidas e a possibilidade de desistência em qualquer parte da pesquisa sem nenhum prejuízo para o indivíduo. Após lido o termo de consentimento livre e esclarecido o participante escolhia continuar ou não com a pesquisa.

De coleta. O recrutamento dos participantes deu-se de maneira presencial e *on-line* com recrutamento presencial (Wachelke, Natividade, Andrade, Wolter, & Camargo, 2014). Convites com o *link* do questionário foram disponibilizados em redes sociais e enviados para lista de *e-mail* de colaboradores do Laboratório. No recrutamento presencial, coletaram-se endereços de *e-mail* ou número de celular de possíveis participantes e, posteriormente, enviou-se um convite com *link* do questionário.

De análise dos dados. Primeiramente, realizou-se a limpeza do banco de dados, excluindo-se as respostas daqueles que erraram as questões-controle. Em seguida, dividiu-se a amostra aleatoriamente em duas metades. A fim de testar a estrutura da ExRel, com a primeira metade ($N = 392$), realizou-se e uma análise fatorial exploratória robusta a partir da matriz de correlações policórica dos itens, utilizando-se o *software* Factor, versão 10.10.03 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2017). Utilizou-se, nessa análise, o método de extração Robust Diagonally Weighted Least Squares - RDWLS, a rotação Robust Promin (Lorenzo-Seva &

Ferrando, 2019) e a análise paralela com 500 amostras simuladas como critério de retenção de fatores. Com a segunda metade da amostra ($N = 403$), testou-se a estrutura encontrada na análise exploratória, por meio de uma análise fatorial confirmatória, estimador Maximum Likelihood Robust. Nessa análise, utilizou-se o *software R* (R Core Team, 2019) e pacote lavaan (Rosseel, 2018). Além da estrutura encontrada na análise exploratória, testaram se o modelo de um único fator e o um modelo de dois fatores após a retirada de alguns itens, de acordo com os índices de modificação. Para buscar evidências de validade baseada nas relações com outras variáveis foram calculados coeficientes de correlações de Pearson entre a exclusividade em relacionamentos, desejabilidade social, homossexualidade, apego adulto, os cinco grandes fatores de personalidade e a exclusividade em relacionamentos medida pela Sexy-7-Brasil. Também testou-se diferenças de médias em exclusividade em relacionamentos entre as pessoas que responderam sim e não às questões-critério. Por fim, para verificar índices de fidedignidade da ExRel foram calculados coeficientes de correlação de Pearson entre as respostas de alguns participantes na primeira e na segunda aplicação do instrumento (teste-reteste feito com 60 dias de intervalo), bem como, foram calculados os coeficientes alfa e ômega total para os fatores da escala.

Resultados

A fim de conhecer a estrutura do construto, realizou-se uma análise fatorial exploratória com a primeira metade da amostra, $N = 392$. Inicialmente, verificou-se a adequação dos dados à análise fatorial, teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(120, N=392) = 4188,80$; $p < 0,001$, e $KMO = 0,93$. A análise paralela sugeriu a extração de dois fatores que explicaram 68,5% da variância dos dados. As cargas fatoriais e demais resultados podem ser vistos na Tabela 1.

Tabela 1

Cargas Fatoriais dos Itens da Escala de Exclusividade em Relacionamentos para Análises Fatoriais.

	Análise Exploratória, $N = 392$			Análise Confirmatória, $N = 403$	
	Monogamia	Fidelidade	h^2	Monogamia	Fidelidade
Item 1	0,81	0,04	0,61	0,72	
Item 2 *	0,88	0,16	0,60	-	-
Item 3	-0,14	0,80	0,81		0,70
Item 4 *	-0,82	-0,04	0,63	-	-

Item 5	-0,84	-0,10	0,59	-0,70	
Item 6	-0,07	-0,83	0,61		-0,63
Item 7 *	-0,68	0,03	0,50	-	-
Item 8	-0,70	0,11	0,62	-0,60	
Item 9	0,77	-0,03	0,64	0,71	
Item 10 *	0,08	-0,84	0,81	-	-
Item 11*	0,77	-0,19	0,84	-	-
Item 12	0,76	0,03	0,56	0,70	
Item 13	-0,03	0,90	0,86		0,76
Item 14	-0,09	0,78	0,72		0,75
Item 15	0,16	0,89	0,62		0,64
Item 16	-0,04	0,76	0,62		0,69
Número de itens	9	7		5	6
<i>Eigenvalues</i>	9,01	1,87		-	-
% Variância Explicada	68,5%				-
Correlação entre fatores	-0,71				-0,64

Nota. *Itens retirados da versão final do instrumento. Cargas maiores que 0,30 estão em negrito.

Observando-se o conteúdo dos itens, constatou-se que o primeiro fator agrupou itens referentes a monogamia, tais como “prefiro um relacionamento amoroso sério com uma pessoa só, a ficar com várias(os) sem compromisso”; “em termos de relacionamentos amorosos, prefiro ficar com várias pessoas sem me prender a ninguém”. O segundo fator agrupou itens referentes à fidelidade, tais como “eu prefiro terminar um relacionamento amoroso a ser infiel”; “sou do tipo que quando estou em um relacionamento amoroso comprometido, às vezes dou umas escapadas e fico com outra(s) pessoa(s)”.

Em seguida, com a segunda metade da amostra, $N = 403$, realizou-se uma análise fatorial confirmatória, a fim de verificar a hipótese da confirmação da estrutura encontrada. Foram testados três modelos: Fator único beta - configurado com todos os 16 itens sendo explicados por um único fator; Dois fatores beta – configurado com dois fatores correlacionados explicando seus respectivos itens, de acordo com o resultado da análise fatorial exploratória; Dois fatores final – idêntico ao modelo Dois fatores beta, exceto pela exclusão de cinco itens devido aos seus respectivos índices de modificação. Os índices de ajuste dos dados aos modelos podem ser vistos na Tabela 2. A versão final da Escala de Exclusividade em Relacionamentos pode ser vista no Apêndice A.

Tabela 2

Índices de Ajuste dos Modelos Testados

	Fator único beta	Dois fatores beta	Dois fatores final
χ^2	455,7	263,9	95,3
<i>Gl</i>	104	103	43
<i>P</i>	<0,001	<0,001	<0,001
χ^2/gl	4,38	2,56	2,23
TLI	0,77	0,90	0,94
CFI	0,80	0,91	0,95
RMESA	0,12	0,079	0,069
IC 90% RMESA	0,11-0,13	0,067-0,091	0,050-0,087

Nota. Fator único beta = modelo especificado com os 16 itens da versão beta sendo explicados por um único fator. Dois fatores beta = modelo especificado com dois fatores explicando os itens da versão beta, de acordo com os resultados da análise fatorial exploratória. Dois fatores final = modelo especificado com dois fatores explicando os 11 itens de acordo com os resultados da análise fatorial exploratória, após a exclusão de cinco itens da versão beta. χ^2 – qui-quadrado; *gl* – graus de liberdade; χ^2/gl – razão qui-quadrado por graus de liberdade; TLI – Tucker-Lewis Index; CFI – Comparative Fit Index; RMSEA – Root Mean Square Error of Aproximation; IC 90% RMESA – Intervalo de confiança de 90%. *N* = 403.

Diante dos resultados sobre a estrutura do instrumento, voltou-se à busca por indicadores de fidedignidade utilizando-se a versão de dois fatores final (com 11 itens). Para verificar a consistência temporal da escala, foram calculados coeficientes de correlação entre as respostas dos participantes em duas aplicações da escala, com 60 dias de intervalo (*N* = 109). Para o fator Monogamia verificou-se $r = 0,84$; $p < 0,01$; para o fator Fidelidade, $r = 0,80$; $p < 0,01$. No que diz respeito à consistência interna, o fator Monogamia apresentou coeficiente alfa e ômega iguais a 0,80; enquanto o fator Fidelidade apresentou alfa e ômega iguais a 0,84.

Em busca de evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis, calcularam-se os coeficientes de correlação entre os fatores da exclusividade em relacionamentos e demais variáveis do estudo. Os resultados podem ser vistos na Tabela 3. Destacam-se as correlações negativas entre os fatores da exclusividade em relacionamentos e os fatores da homossexualidade.

Tabela 3

Correlações entre os Fatores da Escala de Exclusividade em Relacionamentos e Outras Variáveis

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Monogamia, N = 795	1											
2. Fidelidade, N = 795	0,52**	1										
3. Desej. Social, N = 720	0,11**	0,10**	1									
4. Ap. Evitação, N = 752	-0,39**	-0,18**	-0,07	1								
5. Ap. Ansiedade, N = 752	0,06	0,02	-0,25**	0,20**	1							
6. SOI - Atitude, N = 752	-0,44**	-0,39**	-0,21**	0,19**	0,03	1						
7. SOI - Desejo, N = 752	-0,43**	-0,38**	-0,20**	0,33**	0,14**	0,54**	1					
8. SOI - Comp., N = 752	-0,32**	-0,40**	-0,05	0,19**	0,07*	0,55**	0,45**	1				
9. Extroversão, N = 700	-0,08*	-0,11**	0,06	-0,17**	-0,06	0,13**	0,02	0,23**	1			
10. Socialização, N = 700	0,27**	0,19**	0,36**	-0,26**	-0,16**	-0,24**	-0,29**	-0,15**	0,06	1		
11. Realização, N = 700	0,15**	0,10**	0,25**	-0,12**	-0,09*	-0,11**	-0,10**	-0,07	0,24**	0,20**	1	
12. Abertura, N = 700	-0,06	-0,03	-0,48**	0,14**	0,46**	0,06	0,15**	-0,02	-0,22**	-0,36**	-0,26**	1
13. Neuroticismo, N = 700	-0,17**	-0,15**	-0,07	0,04	0,03	0,22**	0,17**	0,18**	0,32**	-0,17**	0,07	0,04
14. Ex.Rel. Sexy7, N = 108	0,75**	0,86**	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Nota. Desej. Social = desejabilidade social. Ap. Evitação = Evitação relacionada ao apego. Ap. Ansiedade = Ansiedade relacionada ao apego. SOI - Atitude = fator atitude, da homossexualidade. SOI - Desejo = Fator desejo, da homossexualidade. SOI - Comp. = fator comportamento, da homossexualidade. Ex.Rel. Sexy7 = Fator exclusividade em relacionamentos da Sexy7-Brasil (Natividade & Hutz, 2016), usada apenas na segunda aplicação do questionário. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

Por fim, testaram-se diferenças em exclusividade em relacionamentos entre as pessoas que responderam sim e não para as perguntas-critério e entre homens e mulheres. Os resultados podem ser vistos na Tabela 4. Foram observadas diferenças significativas entre os grupos para os dois fatores da exclusividade em relacionamentos.

Tabela 4

Médias, Desvios-Padrões e Diferenças entre Grupos de acordo com as Questões Critério

	N	Monogamia		Teste estatístico	Fidelidade		Teste estatístico
		M	DP		M	DP	
Questão critério 1				$t(756) = -6,70; p < 0,01; d = 0,58$			$t(756) = -9,34; p < 0,01; d = 0,84$
Sim	245	5,54	1,42		5,45	1,47	
Não	511	6,22	1,01		6,41	0,95	
Questão critério 2				$t(758) = -5,97; p < 0,01; d = 0,43$			$t(758) = -6,97; p < 0,01; d = 0,44$
Sim	367	5,74	1,31		5,57	1,31	
Não	391	6,25	1,05		6,25	1,04	
Gênero				$t(795) = -5,27; p < 0,01; d = 0,40$			$t(795) = -5,03; p < 0,01; d = 0,40$
Mulher	514	6,17	1,15		6,28	1,08	
Homem	281	5,70	1,23		5,80	1,38	

Nota. Questão critério 1 = Considerando o que você compreende por relacionamento amoroso, até onde você lembra, alguma vez na sua vida você já vivenciou dois, ou mais, relacionamentos amorosos ao mesmo tempo? Questão critério 2 = Considerando o que você compreende por relacionamento amoroso, até onde você lembra, alguma vez na sua vida você já foi infiel a um parceiro(a) de relacionamento?

Discussão

O objetivo deste estudo foi construir uma escala para mensurar a Exclusividade em Relacionamentos, bem como, buscar suas evidências de validade e fidedignidade. Após procedimentos de construção, seleção e buscas por evidências de validade baseadas no conteúdo, obteve-se uma versão da escala com 16 itens. Essa versão foi posta à prova empírica e reduzida para uma versão final com 11 itens. Verificou-se uma estrutura de dois fatores para o construto: Monogamia, que se referem a quanto um indivíduo prefere estar em um relacionamento amoroso comprometido com uma única pessoa em um acordo de exclusividade mútuo; e Fidelidade que diz respeito a quão disposto um indivíduo está a ser fiel em um relacionamento amoroso. Essa estrutura e os fatores encontrados estão de acordo com as suposições teóricas sobre o construto (e.g., Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000) e apresentaram índices satisfatórios (Gana & Broc, 2019). Ainda, os indicadores de fidedignidade demonstraram-se satisfatórios para os dois fatores, todos superiores a 0,80 (DeVellis, 2016).

Em busca de evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis, verificou-se que os fatores Monogamia e Fidelidade correlacionaram-se fracamente com a desejabilidade social, indicando que a escala é pouco suscetível às pressões sociais por respostas desejáveis. Em relação aos estilos de apego, verificaram-se correlações negativas entre evitação relacionada ao apego e os fatores Monogamia e Fidelidade, o que demonstra que quanto maior o desconforto com a intimidade em relacionamentos, menor a tendência a ser monogâmico e fiel. Esse resultado era esperado, uma vez que estudos anteriores encontraram associações entre apego evitativo e: uma maior disposição a infidelidade (Beaulieu-Pelletier et al., 2011); a manter mais de um relacionamento ao mesmo tempo (Moors et al., 2015); e a ter mais relacionamentos de curto-prazo (Natividade & Shiramizu, 2015; Schmitt, 2005).

No que concerne à homossexualidade, ambos os fatores da Escala de Exclusividade em Relacionamentos, Monogamia e Fidelidade, correlacionaram-se negativamente com os três fatores da homossexualidade (atitude, desejo, comportamento). Esses resultados reforçam a ideia de que quanto mais irrestrito é o indivíduo, menos monogâmico e fiel ele tende a ser. Isso já era esperado, pois

vai ao encontro de estudos anteriores que relacionaram a homossexualidade com propensões a relações de curto-prazo (e.g., Natividade & Shiramizu, 2015; Schmitt, 2005), a relações poliamorosas (Morrison et al., 2013), e a infidelidade (Barta & Kiene, 2005; Mattingly et al., 2011).

Os fatores da exclusividade em relacionamentos também apresentaram correlações com os cinco grandes fatores da personalidade. Monogamia e Fidelidade correlacionaram-se negativamente com Extroversão e Abertura a experiências, indicando que quanto mais exclusivo uma pessoa se considera, menos extrovertida e aberta a novas experiências ela é. Além disso, os dois fatores da exclusividade em relacionamentos se correlacionaram positivamente com os fatores Socialização e Realização da personalidade, indicando que quanto mais exclusivos, maior a tendência dos indivíduos a serem empáticos, altruístas, autocontrolados e disciplinados. Esse resultado foi semelhante ao encontrado por Natividade e Hutz (2016). Por fim, as correlações entre os fatores da exclusividade em relacionamentos e o fator o Exclusividade em Relacionamentos da Sexy-7-Brasil (Natividade & Hutz, 2016) destacam-se como uma importante evidência de validade convergente.

No que diz respeito à capacidade discriminativa do instrumento, foram utilizadas duas perguntas critérios para dividir as pessoas conforme as respostas. A escala de Exclusividade em Relacionamentos, em seus dois fatores, foi capaz de diferenciar os escores daqueles que já estiveram em mais de um relacionamento amoroso ao mesmo tempo daqueles que não tiveram nessa configuração de relacionamento. As pessoas que já tiveram mais de um relacionamento ao mesmo tempo apresentaram menores níveis de fidelidade e monogamia, conforme esperado teoricamente. Além disso, o instrumento foi capaz de diferenciar os escores dos participantes que declararam terem sido infiéis em um relacionamento amoroso daqueles que não foram, sendo que os infiéis apresentaram menores escores nos dois fatores da exclusividade, conforme esperado teoricamente.

O instrumento ainda foi capaz de diferenciar homens e mulheres de acordo com esperado teoricamente (e.g., Buss & Schmitt, 1993; Natividade et al., 2013; Schmitt, 2005). Em média, os homens tendem a apresentar mais estratégias de curto-prazo (mais parceiras e menos compromisso) do que as mulheres. Isso foi encontrado também para a exclusividade em relacionamentos, uma vez que os

homens apresentaram menores níveis de monogamia e fidelidade comparados às mulheres.

Pode-se concluir que a Escala de Exclusividade em Relacionamentos apresentou satisfatórias evidências de validade fatorial, convergente, concorrente e de conteúdo; além de adequados índices de fidedignidade. Apesar disso, este estudo conta com uma importante limitação relacionada à alta escolaridade e renda da amostra, o que não reflete a realidade da população brasileira. Portanto, as generalizações possíveis devem levar em conta a amostra do estudo. Enfim, a escala apresenta-se como um instrumento útil para aferir a tendência à exclusividade em relacionamentos, por meio de itens contextualizados. Esse estudo ainda permitiu uma ampliação na compreensão do construto, uma vez que identificou dois fatores que o compõem.

Referências

- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339-360. <https://doi.org/10.1177/0265407505052440>.
- Beaulieu-Pelletier, G., Philippe, F. L., Lecours, S., & Couture, S. (2011). The role of attachment avoidance in extradyadic sex. *Attachment & Human Development*, 13(3), 293-313. <https://doi.org/10.1080/14616734.2011.562419>.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual Strategies Theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100(2), 204-232. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.100.2.204>.
- Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354. <https://doi.org/10.1037/h0047358>.
- DeVellis, R. F. (2016). *Scale Development: Theory and Applications* (Fourth edition). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ferrando, P. J., Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: origins, development and future directions. *Psicothema*, 29(2), 236-241. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304>.
- Fisher, H. (2016). *Anatomy of love: A natural history of mating, marriage, and why we stray* (Completely Revised and Updated with a New Introduction). WW Norton & Company.
- Gana, K., & Broc, G. (2019). *Structural equation modeling with lavaan*. Hoboken, NJ, USA: Wiley-ISTE.
- John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality - a historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2(3), 171-203. <https://doi.org/10.1002/per.2410020302>.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *Liberabit*, 25, 99-106. doi:10.24265/liberabit.2019.v25n1.08.
- Mattingly, B. A., Clark, E. M., Weidler, D. J., Bullock, M., Hackathorn, J., &

- Blankmeyer, K. (2011). Sociosexual Orientation, Commitment, and Infidelity: A Mediation Analysis. *The Journal of Social Psychology*, 151(3), 222–226. <https://doi.org/10.1080/00224540903536162>
- Moors, A. C., Conley, T. D., Edelstein, R. S., & Chopik, W. J. (2015). Attached to monogamy? Avoidance predicts willingness to engage (but not actual engagement) in consensual non-monogamy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(2), 222-240. <https://doi.org/10.1177/0265407514529065>.
- Moors, A. C., Selterman, D. F., & Conley, T. D. (2017). Personality correlates of desire to engage in consensual non-monogamy among lesbian, gay, and bisexual individuals. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 418-434. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1367982>.
- Morrison, T. G., Beaulieu, D., Brockman, M., & Beaglaioich, C. Ó. (2013). A comparison of polyamorous and monoamorous persons: Are there differences in indices of relationship well-being and sociosexuality?. *Psychology & Sexuality*, 4(1), 75-91. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.631571>
- Natividade, J. C., Fernandes, H. B. F., & Hutz, C. S. (2013). Evidências de validade para Brasil do Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R-Brasil). *Pôster apresentado no VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*, Maceió, AL.
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, 97, 88–97. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.030>.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26, 484-494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(5), 1113. <https://doi.org/10.1037/t05284-000>.
- Ribas Jr, R. D. C., Moura, M. L. S. D., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira

- da escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3(2), 83-92.
- Rosseel Y., et al. (2018). lavaan: Latent Variable Analysis. [R package]. Recuperado de <https://cran.rproject.org/package=lavaan>.
- R Core Team (2019). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Recuperado de <https://www.R-project.org/>.
- Schmitt, D. P. (2004). The Big Five related to risky sexual behaviour across 10 world regions: Differential personality associations of sexual promiscuity and relationship infidelity. *European Journal of Personality*, 18(4), 301-319. <https://doi.org/10.1002/per.520>.
- Schmitt, D. P. (2005). Is short-term mating the maladaptive result of insecure attachment? A test of competing evolutionary perspectives. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(6), 747-768. <https://doi.org/10.1177%2F0146167204271843>
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247. <https://doi.org/10.1017/S0140525X05400059>
- Schmitt, D. P. (2016). Fundamentals of human mating strategies. In D. M. Buss (Ed.), *The evolutionary psychology handbook* (2nd ed., pp. 294–316). New York: Wiley.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the Big Five?. *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141-177. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1999.2267>.
- Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2018). Willingness of emerging adults to engage in consensual non-monogamy: A mixed-methods analysis. *Archives of Sexual Behavior*, 47(5), 1423-1438. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1075-5>.
- Wachelke, J., Natividade, J., Andrade, A. D., Wolter, R., & Camargo, B. (2014). Caracterização e avaliação de um procedimento de coleta de dados online (CORP). *Avaliação Psicológica*, 13(1), 143-146.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-short form: Reliability,

validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187-204. <https://doi.org/10.1080/00223890701268041>.

**Exclusividade em relacionamentos e bem-estar subjetivo:
o papel moderador do tipo de relacionamento**

**Exclusivity in relationships and subjective well-being: the moderating
role of the relationship type**

**Exclusividad en las relaciones y bienestar subjetivo: el papel
moderador del tipo de relación**

Resumo

Nos últimos anos há um crescente interesse nos relacionamentos não-monogâmicos consensuais (RNMC), que são relacionamentos no qual há um acordo de não-exclusividade sexual e/ou emocional. Estudos mostram que há várias características individuais que se relacionam com o interesse pelos RNMC. Uma delas é o fator de personalidade relacionado a sexualidade Exclusividade em Relacionamentos. Apesar da escolha por um tipo de relacionamento estar associada a fatores internos, o estigma frente aos RNMC e as crenças sobre a superioridade da monogamia também influenciam nessa escolha. Levando isso em consideração, o presente estudo teve por objetivo verificar o efeito da Exclusividade em Relacionamentos no bem-estar subjetivo de pessoas em relacionamentos monogâmicos e RNMC. Participaram da pesquisa um total de 480 brasileiros divididos por grupos de indivíduos em um relacionamento monogâmico e aqueles em um RNMC. Os resultados indicam que o nível de monogamia só prediz significativamente o bem-estar subjetivo no grupo de pessoas em relacionamentos monogâmicos.

Palavras-chave: bem-estar subjetivo; monogamia; não-monogamia consensual.

Abstract

In recent years there has been a growing interest in consensual non-monogamous relationships (CNMR), which are relationships in which there is an agreement of sexual and/or emotional non-exclusivity. Studies show that there are several individual characteristics that are related to interest in CNMR. One of them is the personality factor related to sexuality Exclusivity in Relationships. Although the choice for a type of relationship is associated with internal factors, the stigma towards CNMR and beliefs about the superiority of monogamy also influence this choice. Taking this into account, this study aimed to verify the effect of Exclusivity in Relationships on the subjective well-being of people in monogamous relationships and CNMR. A total of 480 Brazilians participated in the research, divided by groups of individuals in a monogamous relationship and those in an CNMR. The results indicate that the level of monogamy only predicts significantly subjective well-being in the group of people in monogamous relationships.

Keywords: subjective well-being; monogamy; consensual non-monogamy;

Resumen

En los últimos años ha habido un interés creciente por las relaciones no monogámicas consensuadas (RNMC), que son relaciones en las que existe un pacto de no exclusividad sexual y/o emocional. Los estudios muestran que hay varias características individuales que están relacionadas con el interés en RNMC. Uno de ellos es el factor de personalidad relacionado con la exclusividad sexual en las relaciones. Aunque la elección de un tipo de relación está asociada a factores internos, el estigma hacia el RNMC y las creencias sobre la superioridad de la monogamia también influyen en esta elección. Teniendo esto en cuenta, este estudio tuvo como objetivo verificar el efecto de la Exclusividad en las Relaciones sobre el bienestar subjetivo de las personas en relaciones monógamas y RNMC. Un total de 480 brasileños participaron en la investigación, divididos por grupos de individuos en una relación monógama y aquellos en un RNMC. Los resultados indican que el nivel de monogamia solo interactúa con el bienestar subjetivo en el grupo de personas en relaciones monógamas.

Palabras chave: bienestar subjetivo; monogamia; no monogamia consensual.

Existem diversas maneiras de como os indivíduos se relacionam amorosamente. Uma frequente distinção é classificar os relacionamentos quanto aos acordos de exclusividade. Relacionamentos monogâmicos são aqueles em que dois indivíduos acordam em não se relacionar sexualmente e/ou emocionalmente com outras pessoas. Um relacionamento não-monogâmico consensual (RNMC) pode ser definido como aquele em que há um acordo entre as partes de não exclusividade sexual (pode ter relações sexuais com terceiros) e/ou emocional (podem se envolver emocionalmente com outras pessoas) (Conley, Piemonte, Gusakova, & Rubin, 2018; Lehmiller, 2020; Moors, Selterman, & Conley, 2017). Por exemplo, em relacionamentos poliamorosos, os indivíduos desenvolvem relações íntimas e se envolvem romanticamente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, com o consentimento de todos os envolvidos (Balzarini et al., 2019; Conley, Piemonte, Gusakova & Rubin, 2018; Lehmiller, 2020).

Outro exemplo de RNMC são os relacionamentos abertos, no qual o casal decide que ambos podem se relacionar com outras pessoas. As regras dessa abertura no acordo de exclusividade variam entre os casais, por exemplo: alguns decidem que só pode haver envolvimento sexual, sem envolvimento emocional; ou então, que o casal deve sempre contar um para o outro sobre o envolvimento com terceiros; ou ainda, que os membros do casal só podem se relacionar com outra pessoa em situações específicas, como festas ou em momentos em que os dois estejam juntos (Conley, Piemonte, Gusakova, & Rubin, 2018; Lehmiller, 2020; Lins, 2017). A principal diferença apontada na literatura entre relacionamentos abertos e os poliamorosos é que no primeiro há uma ideia de um casal principal ou primário, enquanto no segundo não há essa hierarquia (Lehmiller, 2020; Lins, 2017).

Moors (2017) mostra um aumento significativo no número de pesquisas com termos relacionados a poliamor e relacionamentos abertos na ferramenta de buscas do *Google* entre os anos de 2006 e 2015. Isso sugere um aumento do interesse da população por relacionamentos com essa configuração. Lehmiller (2018) aponta que estar em um relacionamento aberto é uma das sete fantasias sexuais mais comuns em uma amostra de 4.175 americanos. Diante desse interesse, decorrem especulações sobre o quanto esse tipo de relacionamento é adequado, é satisfatório, e contribui para a felicidade dos envolvidos. Assim, faz-

se urgente verificar o papel que o tipo de relacionamento (monogâmico, não-monogâmico consensual) exerce no bem-estar dos envolvidos. Ainda, faz-se necessário investigar a interação entre o tipo de relacionamento vivenciado e características pessoais relacionadas a exclusividade (traços de personalidade) em relacionamentos enquanto preditoras do bem-estar.

No Brasil, a literatura científica sobre o assunto é escassa. Uma breve pesquisa (realizada em junho de 2021) por palavras-chave relacionadas a RNMC na plataforma *Scielo* apresentou os seguintes resultados: não-monogamia consensual (um artigo); relacionamento não-monogâmico consensual (nenhum artigo); poliamor (quatro artigos). Dentre esses artigos, apenas um se referia a uma pesquisa de método quantitativo (Gouveia, Mendes, Freire, Freires, & Barbosa, 2014). Porém, o interesse pelos RNMC é notável. Navarro (2018) entrevistou brasileiros em relacionamentos abertos e poliamorosos que relatam suas dificuldades com relação aos estigmas da sociedade frente aos RNMC. Na rede social *Facebook*, há vários grupos que reúnem pessoas que estão em RNMC ou que se interessam por tais relacionamentos que fogem a tradicional monogamia. Ao buscar pelo termo “relacionamentos não-monogâmicos” na plataforma de vídeos *Youtube* encontram-se diversos vídeos com milhares de visualizações. Importantes portais de notícias do país relatam o crescente interesse em RNMC (Castro & Toledo, 2017; Péchy & Braun, 2021).

Para entender os motivos que levariam alguém a engajar-se em um RNMC, um estudo feito no Canadá perguntou a estudantes universitários o quão dispostos estariam a ter um RNMC e o porquê. Um total de 12,9% demonstrou estar disposto a ter um RNMC alegando (1) a rejeição dos ideais da monogamia; (2) a aceitação do RNMC desde que regras fossem estabelecidas, como o uso de preservativo ou um distanciamento emocional entre os envolvidos; ou (3) como um sacrifício a ser feito pelo bem do relacionamento (Sizemore & Olmsteade, 2018).

Lehmiller (2018; 2020) utiliza duas teorias para explicar a busca por relações menos exclusivas. A primeira, o efeito Coolidge, refere-se a uma tendência observada em alguns animais não-humanos (e.g., chimpanzés, ratos, besouros), principalmente em machos, nos quais a chegada de uma nova parceira sexual restauraria o interesse sexual de um animal previamente satisfeito

sexualmente (Hughes, Aung, Harrison, LaFayette, & Gallup, 2020). Em humanos, mais amplamente observado em homens, estudos mostram que a exposição repetida a um mesmo estímulo sexual (fotos, áudios ou vídeos pornográficos) acarretaria na perda do interesse nesse estímulo, mas com a introdução de um novo estímulo (uma nova atriz, por exemplo) a excitação sexual era retomada (Hughes et al., 2020). Lehmiller (2018; 2020) defende que a escolha por um RNMC ajudaria a lidar com o desinteresse sexual, pois os indivíduos poderiam procurar outros estímulos para além de uma díade.

A segunda teoria usada por Lehmiller (2018; 2020) para explicar o interesse por RNMC é a Teoria de Expansão do Self, que consiste na ideia de que os humanos apresentam uma necessidade de crescimento contínuo e de expansão do self por meio de novas experiências, aprendizados e relações interpessoais. Com isso, o interesse por relações sexuais e/ou amorosas para além de uma díade ajudaria a satisfazer essa necessidade de expansão do self, promovendo uma maior satisfação com a vida.

Diversos estudos indicam que a escolha por RNMC está relacionada com características individuais. Por exemplo, níveis de apego evitativo (i.e., desconforto com proximidade emocional) estão correlacionados positivamente com a atitude frente aos RNMC e com a disposição a engajar-se nesse tipo de relacionamento, enquanto níveis de apego ansioso (i.e., insegurança quanto ao envolvimento do parceiro) correlacionaram-se negativamente com a atitude frente a RNMC (Moors, Conley, Edelstein, & Chopik, 2015). Além disso, a homossexualidade (i.e., disposição a fazer sexo sem compromisso) previu positivamente o engajamento e a atitude frente a RNMC (Ka, Bottcher, & Walker, 2020) e correlacionou-se positivamente com fantasiar com RNMC (Lehmiller, 2020).

Por fim, a atitude frente a RNMC e o engajamento em RNMC foram preditos negativamente pelo fator da personalidade Conscienciosidade/Realização e positivamente pelo fator Abertura a Experiências (Moors, Seltermann, & Conley, 2017). Em outro estudo, o grupo de indivíduos dispostos a se engajarem em RNMC apresentou menores níveis do fator Socialização do que o grupo dos não dispostos (Sizemore & Olmstead, 2018).

O estudo de Schmitt e Buss (2000) sobre características da personalidade

relacionadas a sexualidade humana apresenta a Exclusividade em Relacionamentos como um dos sete fatores da sexualidade. Essa dimensão da personalidade indica o quanto um indivíduo está disposto a engajar num relacionamento amoroso compromissado, monogâmico e a se manter fiel (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). A exclusividade em relacionamentos é explicada por dois fatores oblíquos: Monogamia e Fidelidade (Caumo & Natividade, 2021). Evidentemente, indivíduos em RNMC apresentam médias significativamente menores em Exclusividade em Relacionamentos do que aqueles em relacionamentos monogâmicos – diferença essa que se mantém em homens e mulheres (Silva, Caumo & Natividade, 2019). Apesar disso, um estudo observou diferenças de níveis de atitude frente a RNMC entre homens e mulheres. Usando teste de associações implícitas (IAT), verificou-se que, em uma amostra de jovens adultos, homens apresentavam associações mais positivas frente à RNMC do que mulheres, no entanto, homens e mulheres mantinham uma associação implícita positiva em relação à monogamia (Thompson, Moore, Haedtke, & Karst, 2020).

Apesar da Exclusividade em Relacionamentos e outras características individuais apontarem para a pluralidade de formas de se relacionar sexualmente e romanticamente, os relacionamentos que fogem a monogamia são estigmatizados. No estudo de Sizemore e Olmsteade (2018), 78,7% da amostra indicou não estar disposta a engajar-se numa RNMC, apresentando quatro principais motivações: (1) a crença de que a monogamia é o normal/natural (mononormatividade); (2) motivos associados a traços de apego ansioso (como ciúmes, carência, possessão e insegurança); (3) a ideia de que a sugestão por parte do parceiro(a) seria considerado uma ofensa; (4) a ideia de que a não-monogamia iria contra princípios morais e religiosos.

Pesquisadores sobre o assunto cunharam termos para expor a crença culturalmente construída nas sociedades ocidentais modernas de uma superioridade da monogamia. O termo mononormatividade se refere a ideia de que a monogamia é natural, moralmente correta e essencial para o ser-humano e suas relações (Finn, 2012). Há um outro termo utilizado para descrever o predomínio da monogamia chamado de *monogamism*, que diz respeito a indivíduos socializados para querer a monogamia em detrimento de outras formas

de relacionamento (Anderson, 2010). Essa noção é tão enraizada na cultura ocidental que seus pressupostos são dificilmente questionados pela população geral e, com isso, outras formas de relacionamentos, como os RNMC, acabam sendo pouco exploradas na literatura científica (Hutzler, Giuliano, Herselman, & Johnson, 2016).

Brandon (2016) pontua a influência de variáveis culturais e sociais na escolha de estratégias sexuais. O autor aponta para o papel da religião sobre a percepção do comportamento sexual irrestrito como algo imoral e inapropriado. Isso serviria como uma forma de controle que favorece estratégias de longo prazo, como o casamento. De fato, um estudo encontrou correlações negativas entre níveis de religiosidade e a atitude frente aos relacionamentos poliamorosos (Hutzler et al., 2016). Hutzler et al. (2016) apontam para o impacto da predominância da monogamia, na cultura ocidental, na atitude negativa frente aos relacionamentos poliamorosos.

Um estudo investigou as percepções acerca de relacionamentos monogâmicos e RNMC e o resultado mostrou que a percepção sobre os monogâmicos (e sobre aqueles que se engajam nesse tipo de relacionamento) parece estar envolta pelo efeito *halo*, ou seja, são atribuídas características positivas e benéficas a nível individual, familiar e social (Conley, Moors, Matsick, & Ziegler, 2013). Por exemplo, relacionamentos monogâmicos foram vistos como mais satisfatórios, proporcionavam mais confiança e eram moralmente melhores do que RNMC. Além disso, pessoas em relacionamentos monogâmicos foram julgadas como sendo mais felizes em seus relacionamentos, mais satisfeitas sexualmente e melhores cidadãos do que aquelas em RNMC. Porém, outros estudos não encontraram diferenças significativas entre relacionamentos monogâmicos e RNMC em importantes quesitos, como na qualidade e equidade do relacionamento (Séguin et. al, 2017), nos níveis de confiança e amor passiona (Morrison, Beaulieu, Brockman, & Beaglaich, 2013), e no bem-estar psicológico dos envolvidos (Rubel & Bogaert, 2014). Esses resultados indicam que, contrário ao que a maioria pode assumir, a satisfação e a felicidade independem do nível de abertura dos relacionamentos.

Em suma, estudos mostram que a escolha por relacionamentos monogâmicos ou RNMC está relacionada a características individuais (Ka,

Bottcher, & Walker, 2020; Moors, Conley, Edelstein, & Chopik, 2015; Moors, Selterman, & Conley, 2017; Sizemore & Olmstead, 2018) e que a qualidade do relacionamento e a felicidade dos envolvidos independem do tipo de acordo quanto a exclusividade do relacionamento (Morrison, Beaulieu, Brockman, & Beaglaich, 2013; Rubel & Bogaert, 2014; Séguin et. al, 2017). Porém, o estigma frente as RNMC e a crença de que os relacionamentos monogâmicos são naturalmente melhores podem induzir à escolha por relacionamentos monogâmicos. Com isso, pressupõe-se que pessoas com diferentes características individuais menosprezariam suas pré-disposições pessoais para atender a expectativas de sua cultura, sociedade e família. Levando esse pressuposto em consideração, pode se perguntar: qual o impacto de escolher viver um relacionamento que é dissonante com as características individuais?

Para entender o impacto de estar num relacionamento destoante das tendências pessoais, escolheu-se uma variável que fale sobre um julgamento global da vida: o bem-estar subjetivo (BES). O BES diz respeito a como um indivíduo avalia sua vida como um todo em termos cognitivos e afetivos (Diener, 2013; Scorsolini-Comin, Fontaine, Barroso, & Santos, 2016). Ele é composto por três dimensões: satisfação com a vida, que diz respeito a um julgamento global da vida em termos cognitivos; afetos positivos, que diz respeito ao quanto uma pessoa experiencia estados emocionais de prazer; e afetos negativos, que diz respeito ao quanto uma pessoa experiencia estados emocionais desagradáveis (Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2014). O BES foi escolhido para o presente estudo, pois estudos mostram que os relacionamentos amorosos apresentam impacto no BES dos envolvidos (e.g., Dush & Amato; 2005; Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, 2021).

Objetivo

O objetivo do presente estudo foi verificar o impacto de uma dimensão do modelo sexy seven, a Exclusividade em Relacionamentos, no bem-estar subjetivo de pessoas em relacionamentos monogâmicos e não-monogâmicos consensuais. A hipótese construída, a partir da revisão da literatura, é que os indivíduos que estariam em um tipo de relacionamento que não condiz com seus níveis de Exclusividade em Relacionamentos apresentariam baixos níveis de bem-estar subjetivo. Por exemplo: pessoas pouco exclusivas em relacionamentos

monogâmicos apresentariam menores níveis de bem-estar subjetivo do que aquelas muito exclusivas no mesmo tipo de relacionamento. A diminuição no BES ocorreria devido ao conflito entre as características individuais, como os fatores de personalidade que tendem a estabilidade ao longo da vida, em oposição as normas e expectativas da sociedade acerca dos relacionamentos amorosos.

Método

Participantes

Participaram dessa pesquisa um total de 480 brasileiros, todos em um relacionamento amoroso. A amostra foi constituída por 30,4% de homens, 68,8% de mulheres e 0,8% declararam outro gênero. A idade variou entre 18 e 70 anos, sendo a média de idade de 27,8 ($DP = 8,65$). A grande maioria dos participantes moravam na região Sudeste (88,5%) do país, seguido pela região Sul (5,4%), Nordeste (2,3%), Centro-Oeste (1,3%) e Norte (0,8%). Apenas 1,7% da amostra declarou morar fora do Brasil.

Quanto à escolaridade, 8,8% tinham até o ensino médio completo, 33,8% tinham ensino superior incompleto e 37,7% tinham o ensino superior completo. Em relação a orientação sexual, 70,4% dos participantes se consideravam heterossexuais, 6,5% homossexuais, 21,7% bissexuais e 1,5% declarou ter outra orientação sexual. Quanto a status do relacionamento amoroso, 53,3% dos indivíduos estavam em um namoro, 15,6% eram casados, 9,4% estavam em uma união estável, 4,2% em um noivado, 3,8% em um relacionamento a distância, 12,8% estavam em relacionamentos menos compromissados (e.g., ficando, amizade colorida, em um rolo, casos sexuais) e 1% declarou ter outro tipo de relação. Em relação ao tipo de acordo estabelecido no relacionamento, 81% da amostra declarou estar em um relacionamento monogâmico, 12,5% em um relacionamento aberto, 2,5% em um relacionamento poliamoroso e 4% relatou estar em outro tipo de relacionamento.

Para realizar as análises estatísticas, optou-se por diferenciar os indivíduos em dois grupos quanto ao tipo de acordo no relacionamento. Com isso, 81,5% dos participantes estavam em um relacionamento monogâmico ($n = 391$) e 18,5% estavam em um relacionamento não-monogâmico consensual ($n = 89$).

Instrumentos

Foi disponibilizado um questionário on-line contendo questões

sociodemográficas, perguntas sobre o(os) atual/atuais relacionamento(s) amoroso(s), perguntas controle, a Escala de Satisfação de Vida (Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2014), a Escala de Afetos Positivos e Negativos PANAS (Zanon, Dellazzana-Zanon, & Hutz, 2014) e a Escala de Exclusividade em Relacionamentos (Caumo, & Natividade, 2021).

O questionário sociodemográfico foi formado por perguntas sobre o sexo, a idade, a escolaridade, o estado, a orientação sexual, a situação financeira. Em seguida, foram feitas perguntas para verificar se o participante estava em algum tipo de relacionamento amoroso (e.g., ficando, namoro, noivado, casamento ou união estável), quantos parceiros(as) possuía no momento da coleta, o sexo e a idade do(a/os/as) parceiro(a/os/as) o tempo de relacionamento de cada relação (em meses) e como o(s) relacionamento(s) era(m) classificado(s) quanto sua exclusividade: monogâmico (i.e., relacionamento amoroso e sexual entre apenas dois indivíduos); poligâmico (i.e., relacionamento amoroso e sexual entre mais de dois indivíduos); aberto (i.e., relacionamento amoroso e sexual de dois indivíduos, no qual ambos podem se relacionar sexualmente com terceiros). Também foi perguntado o tempo de relacionamento mais longo que o participante já teve. As perguntas-controle se referem a itens alocados aleatoriamente no questionário com a função de verificar se o participante estava respondendo com atenção (e.g., “Essa é uma questão controle, por favor, marque o número cinco como resposta”).

A Escala de Exclusividade em Relacionamentos (ExRel; Caumo, & Natividade, 2021) mede a disposição de um indivíduo para engajar em um relacionamento comprometido e exclusivo. É composta por 11 itens distribuídos em dois fatores: monogamia, que mede o quanto o indivíduo está disposto a engajar em uma relacionamento com uma única pessoa; e o fator Fidelidade, que avalia o quanto o indivíduo está disposto a se manter fiel em uma relacionamento amoroso. Os coeficientes alfa e ômega do fator Monogamia foram iguais a 0,80 e os do fator Fidelidade foram iguais a 0,84. A análise fatorial confirmatória que investigou o modelo de Exclusividade em Relacionamento composto por dois fatores Monogamia e Fidelidade apresentou adequados indicadores de ajustes, utilizando o estimador Mean and Variance Adjusted Weighted Least Squares (WLSMV): $\chi^2 = 86,9$; $gl = 43$, $p < 0,001$; CFI = 0,910; TLI = 0,885; RMSEA = 0,046; IC 90% RMSEA = 0,032 – 0,060; SRMR = 0,061.

A Escala de Satisfação de Vida (Zanon, Bardagi, Layous, & Hutz, 2014) avalia o componente cognitivo do bem-estar subjetivo. Com cinco itens, dispostos numa escala de sete pontos, o instrumento avalia a satisfação global do participante com a sua vida (exemplo de item: “A minha vida está próxima do meu ideal”). A escala apresentou um coeficiente alfa de 0,87.

Escala de Afetos Positivos e Negativos PANAS (Zanon, Dellazzana-Zanon, & Hutz, 2014) avalia o componente afetivo do bem-estar subjetivo. É composta por dois fatores, cada um com cinco itens: os afetos positivos (e.g. amável, determinado, entusiasmado) e os afetos negativos (e.g. angustiado, humilhado, irritado). É pedido ao participante que responda numa escala de cinco pontos o quanto vivenciou cada emoção recentemente. A análise fatorial confirmatória que investigou o modelo de mensuração dos fatores do BES apresentou adequados indicadores de ajustes, utilizando o estimador Mean and Variance Adjusted Weighted Least Squares (WLSMV): $\chi^2 = 474,2$; gl = 272, $p < 0,001$; CFI = 0,954; TLI = 0,949; RMSEA = 0,039; IC 90% RMSEA = 0,033 – 0,045; SRMR = 0,046.

Procedimentos

De coleta. A coleta dos dados ocorreu via internet (*online*). Um *link* com o questionário foi enviado por meio de *e-mails* e mensagens instantâneas, bem como divulgado em redes sociais *online*. Para recrutar pessoas em relacionamento não-monogâmicos consensuais, o *link* da pesquisa foi divulgado em grupos de redes sociais cujo tema envolvia relações não-monogâmicas, poliamor e tópicos afins.

Cuidados éticos. O projeto foi encaminhado para análise do Comitê de Ética por meio da Plataforma Brasil e recebeu parecer favorável sob número CAAE 30359120.5.0000.5582. Além disso, no início do questionário foi apresentado um registro de consentimento livre e esclarecido (RCLE) que explicava brevemente o objetivo da pesquisa e os direitos dos participantes, tais como, a garantia do anonimato, o sigilo das informações fornecidas e a possibilidade de desistência em qualquer parte da pesquisa sem nenhum prejuízo para o indivíduo. Após lido o RCLE o participante escolhia se desejava ou não continuar a pesquisa.

De análise de dados. Foram excluídos os participantes que não

responderam todas as três escalas e aqueles que responderam errado as perguntas controle. Inicialmente, foi verificada a invariância dos instrumentos entre monogâmicos e não-monogâmicos, por meio de análises multigrupo (Damásio, 2013). Então, foram realizadas análise de equação estrutural para verificar o impacto da Exclusividade do Relacionamento nos fatores do BES. Enfim, verificou-se o impacto da interação entre o tipo de relacionamento (monogamia e fidelidade) e exclusividade do relacionamento no BES.

Resultados

Inicialmente foi testada a invariância das medidas ExRel e BES entre monogâmicos e não-monogâmicos. As análises fatoriais confirmatórias multigrupo (AFCMG) indicaram invariância configural, métrica e escalar de ambas as escalas. Os resultados podem ser vistos na Tabela 1. Esses resultados mostram que as escalas são estáveis (invariância configural) e que não há vieses de respostas ao instrumento entre os monogâmicos e não-monogâmicos.

Tabela 1

Análises Fatoriais Confirmatórias Multigrupo.

		$\chi^2 (\Delta\chi^2)$	gl (Δgl)	p (Δp)	CFI (ΔCFI)
ExRel	Invariância configural	77,148	86	0,008	0,908
	Invariância métrica	(5,29)	(9)	(0,81)	(0,009)
	Invariância escalar	(9,814)	(9)	(0,37)	(0,016)
	Invariância de médias	(106,0)	(2)	(<0,001)	(0,898)
BES	Invariância configural	408,33	544	1,00	0,963
	Invariância métrica	(13,23)	22	0,92	(0,002)
	Invariância escalar	(14,46)	22	0,88	(0,002)
	Invariância de médias	(1,53)	3	0,67	(<0,001)

Nota. ExRel = Exclusividade em Relacionamento; BES = Bem-estar subjetivo.

Prosseguiu-se com as análises de equações estruturais para verificar o impacto dos fatores da Exclusividade em Relacionamento (i.e., Monogamia e Fidelidade) sobre os fatores do BES (i.e., Satisfação de Vida, Afeto Negativo e Afeto Positivo). O modelo apresentou um adequado ajuste aos dados observados: $\chi^2 = 836,2$, gl = 584, $p < 0,001$; CFI = 0,941; TLI = 0,936; RMSEA = 0,032; IC 90% RMSEA = 0,027 – 0,036; SRMR = 0,051. O impacto do fator Monogamia na Satisfação de vida ($\beta = 0,19$; $p = 0,004$) e no Afeto Positivo ($\beta = 0,16$; $p = 0,014$) foi estatisticamente significativo, no entanto Monogamia não impactou

significativamente no Afeto Negativo ($\beta = -0,07$; $p = 0,25$). Em relação ao fator Fidelidade, não houve impacto significativo na Satisfação de Vida ($\beta = -0,058$; $p = 0,33$), no Afeto Positivo ($\beta = -0,09$; $p = 0,15$) e no Afeto Negativo ($\beta = -0,059$; $p = 0,37$).

Então, para verificar se o tipo de relacionamento (monogâmico ou não-monogâmico) interage com os fatores da exclusividade no relacionamento na predição do BES foi realizada análise multigrupo. Inicialmente, modelou-se equação estrutural sem restrições de igualdade entre os grupos monogâmicos e não-monogâmicos (Modelo 1). O Modelo 1 foi então comparado com o modelo com restrição de igualdade de interceptos e regressões (Modelo 2). A análise de variância indicou que os ajustes dos modelos 1 e 2 foram significativamente diferentes (Tabela 2). Foram modelados, então, equações estruturais com restrições parciais. Em cada modelo parcialmente restrito, restringiu-se o impacto de um dos fatores da ExRel sobre um dos fatores do BES. Assim, obteve-se mais seis modelos: Modelo 3 com restrição de igualdade do impacto da monogamia no afeto negativo; Modelo 4 com restrição de igualdade da Fidelidade no afeto positivo; Modelo 5 com restrição do impacto da Monogamia no afeto positivo; Modelo 6 com restrição de igualdade do impacto da fidelidade no afeto positivo; Modelo 7 com restrição de igualdade da monogamia na satisfação de vida; Modelo 8 com restrição de igualdade da fidelidade na satisfação de vida.

Na Tabela 2, é possível observar que o ajuste do modelo irrestrito (Modelo 1) é significativamente diferente dos Modelos, parcialmente irrestritos, 5 e 7. A Figura 1 apresenta as estimativas do modelo estrutural da exclusividade no relacionamento e bem-estar subjetivo em monogâmicos e não monogâmicos. O fator Monogamia predisse positivamente os Afetos positivos e a Satisfação de vida no grupo de indivíduos em relacionamentos monogâmicos, mas não no grupo de indivíduos em RNMC. Já o fator Fidelidade não apresentou interação com nenhum dos fatores do bem-estar subjetivo em nenhum dos dois grupos.

Tabela 2

Comparação entre os Ajustes do Modelo 1 Irrestrito e os Modelos (parcialmente) Restritos

$\Delta\chi^2$	Δgl	p
----------------	-------------	-----

Modelo 2 (modelo restrito)	100,64	37	<0,001
Modelo 3 (PR: M→AN)	2,-81	1	0,093
Modelo 4 (PR: F→AN)	0,43	1	0,51
Modelo 5 (PR: M→AP)	16,12	1	<0,001
Modelo 6 (PR: F→AP)	0,46	1	0,50
Modelo 7 (PR: M→SV)	3,90	1	0,048
Modelo 8 (PR: F→SV)	0,18	1	0,67

Nota. PR = parcialmente restrito; M = monogamia; F = fidelidade; AN = afeto negativo; AP = afeto positivo; SV = satisfação de vida.

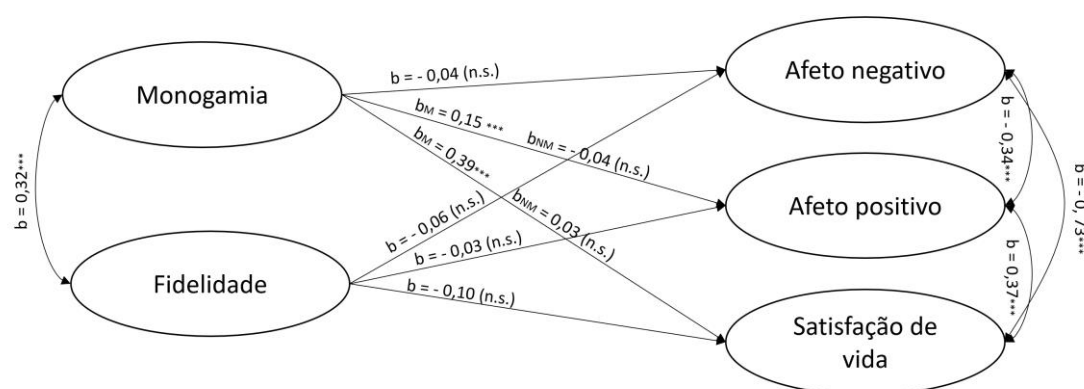


Figura 1. Modelo estrutural do impacto da exclusividade no relacionamento no bem-estar subjetivo em monogâmicos e não monogâmicos. b_{NM} = coeficiente de regressão para grupo não monogâmico. b_M = coeficiente de regressão para grupo monogâmico.

*** $p < 0,001$.

Discussão

A presente pesquisa teve o objetivo de investigar o impacto da Exclusividade em Relacionamentos no bem-estar subjetivo de pessoas em relacionamentos monogâmicos e não-monogâmicos consensuais. Para isso, foram realizadas análises de equações estruturais a fim de verificar o impacto dos dois fatores da Exclusividade em Relacionamentos (Monogamia e Fidelidade) nos três fatores do BES (Afetos positivos, Afetos negativos e Satisfação de vida).

No grupo dos indivíduos em relacionamentos monogâmicos, o fator Monogamia, da Exclusividade em Relacionamento, predisse positivamente o afeto positivo e a satisfação de vida, fatores do bem-estar subjetivo. Já no grupo de indivíduos em RNMC, o fator Monogamia não foi preditor significativo de nenhum dos fatores de BES. Em outras palavras, o fator Monogamia da Exclusividade em Relacionamentos teve um impacto positivo no BES em

indivíduos em relacionamentos monogâmicos. Para os indivíduos em RNMC, o fator Monogamia não impactou significativamente o BES.

Uma possível explicação para esse resultado é que no grupo de indivíduos monogâmicos se encontrariam pessoas com diversos níveis do traço Monogamia, ou seja, é um grupo mais heterogêneo. Isso porque nesse grupo há pessoas com altos níveis de Monogamia que, naturalmente, engajaram-se em relações monogâmicas devidos suas próprias características da personalidade; e indivíduos com baixos níveis de Monogamia que entrariam nesse tipo de relacionamento por fatores externos (Brandon, 2016) como a cultura mononormativa (Finn, 2012), os estigmas frente as RNMC e o efeito *halo* sob a monogamia (Conley, Moors, Matsick, & Ziegler, 2013).

Esse resultado corrobora a hipótese de que indivíduos que estão em um relacionamento que não condiz com seus níveis de Exclusividade em Relacionamento apresentariam menores níveis de bem-estar subjetivo do que aqueles em relacionamentos condizentes com tal traço de personalidade. Nesse caso, indivíduos que têm uma tendência a ter vários parceiros simultaneamente (baixos níveis de Monogamia), mas que optam por estar em um relacionamento monogâmico apresentam menores níveis de BES do que aqueles que tendem a ter um único parceiro (altos níveis de Monogamia) e que engajam em relacionamentos monogâmicos. Resumindo, no grupo dos monogâmicos, o efeito de escolher um relacionamento que não condiz com seus níveis do fator Monogamia são menores níveis de afetos positivos e satisfação de vida.

O fator Monogamia da Exclusividade em Relacionamentos não impactou no BES daqueles em RNMC. Uma possível explicação para isso é que as pessoas que escolhem estar em um relacionamento fora dos padrões mononormativos, tais como os RNMC, estariam sendo condizentes com suas características individuais, visto que não há motivos culturais e sociais que as façam escolher pelos RNMC. Possivelmente, aqueles que escolhem viver um RNMC solucionam o conflito entre suas características de personalidade (no caso, o fator Monogamia da Exclusividade em Relacionamentos) e as pressões externas (e.g., estigmas contra RNMC; cultura mononormativa) de forma muito mais satisfatória ao não se conformarem com a mononormatividade. Portanto, quando o tipo de

relacionamento é condizente com os níveis de Monogamia, não há impacto desse fator no bem-estar subjetivo.

O fator Fidelidade não apresentou impacto nas dimensões do bem-estar subjetivo em nenhum dos dois tipos de relacionamentos. Esse fator refere-se ao quanto um indivíduo está disposto a ser fiel em um relacionamento amoroso. Visto que o objeto de estudo foi o bem-estar subjetivo de indivíduos em relacionamentos monogâmicos ou em RNMC, não foi perguntado se essas pessoas eram fiéis ou não em seus relacionamentos. De acordo com os resultados, é possível supor que os níveis de BES não são alterados pelo fator Fidelidade porque pessoas com tendências a serem fiéis se sentiriam realizadas ao se manterem leais aos acordos feitos com o (a/os/as) parceiro(a/os/as), enquanto pessoas com tendências a serem infiéis se sentiriam realizadas ao praticar atos de infidelidade. Porém, só é possível especular, visto que não houve uma variável para distinguir indivíduos que já foram infiéis daqueles que nunca foram. Para estudos futuros é interessante utilizar o fator Fidelidade como preditor do BES em grupos de indivíduos fiéis e infiéis em relacionamentos amorosos.

Espera-se que o presente artigo possa encorajar novas pesquisas brasileiras sobre os RNMC, pois é um tema de crescente interesse, mas que vem sendo pouco estudado pela literatura científica. Além disso, sugere-se que estudos futuros sobre relacionamentos incluam perguntas para identificar relacionamentos monogâmicos e RNMC, pois dessa forma será possível fazer recortes acerca dos resultados. Dentre as limitações do estudo, destacam-se a não-representatividade da população brasileira, principalmente no que diz respeito a região e escolaridade dos participantes; e a dificuldade em encontrar participantes em RNMC, o que pode trazer uma visão limitada sobre esse grupo.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Anderson, E. (2010). “At least with cheating there is an attempt at monogamy”: Cheating and monogamism among undergraduate heterosexual men. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(7), 851-872. <https://doi.org/10.1177/0265407510373908>
- Balzarini, R. N., Dharma, C., Kohut, T., Campbell, L., Lehmler, J. J., Harman, J. J., & Holmes, B. M. (2019). Comparing relationship quality across different types of romantic partners in polyamorous and monogamous relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 48(6), 1749-1767. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1416-7>
- Brandon, M. (2016). Monogamy and nonmonogamy: Evolutionary considerations and treatment challenges. *Sexual medicine reviews*, 4(4), 343-352. <https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2016.05.005>
- Castro, C., & Toledo, G. de. (2017, September 17). Poliamor: brasileiros apostam em diferentes formas de relacionamentos [Web page]. Retrived from <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/09/poliamor-brasileiros-apostam-em-diferentes-formas-de-relacionamentos.html>
- Caumo, G. R., & Natividade, J. C. (2021). Propriedades Psicométricas da Escala de Exclusividade no Relacionamento. [manuscrito submetido para publicação].
- Caumo, G., Santos, A. L., & Natividade, J. C. (2017). Relação entre os fatores de sexualidade e a satisfação com o relacionamento. Pôster apresentado na 47ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, SP.
- Conley, T. D., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Ziegler, A. (2013). The fewer the merrier?: Assessing stigma surrounding consensually non- monogamous romantic relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 13(1), 1-30. <https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2012.01286.x>
- Conley, T. D., Piemonte, J. L., Gusakova, S., & Rubin, J. D. (2018). Sexual satisfaction among individuals in monogamous and consensually non-monogamous relationships. *Journal of Social and Personal*

Relationships, 35(4), 509-531.

<https://doi.org/10.1177%2F0265407517743078>

Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Valentine, B. (2013). A critical examination of popular assumptions about the benefits and outcomes of monogamous relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 17(2), 124-141. <https://doi.org/10.1177%2F1088868312467087>

Damásio, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico- Usf*, 18(2), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200005>

Diener, E. (2013). The remarkable changes in the science of subjective well-being. *Perspectives on Psychological Science*, 8(6), 663-666. <https://doi.org/10.1177%2F1745691613507583>

Dush, C. M. K., & Amato, P. R. (2005). Consequences of relationship status and quality for subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(5), 607-627. <https://doi.org/10.1177%2F0265407505056438>

Finn, M. (2012). Monogamous order and the avoidance of chaotic excess. *Psychology & Sexuality*, 3(2), 123-136. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.551834>

Gouveia, V. V., Mendes, L. A. D. C., Freire, S. E. D. A., Freires, L. A., & Barbosa, L. H. G. M. (2014). Medindo associação implícita com o FreeIAT em Português: um exemplo com atitudes implícitas frente ao poliamor. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4), 679-688. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427408>

Hughes, S. M., Aung, T., Harrison, M. A., LaFayette, J. N., & Gallup, G. G. (2020). Experimental evidence for sex differences in sexual variety preferences: Support for the Coolidge effect in humans. *Archives of Sexual Behavior*, 1-15. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01730-x>

Hutzler, K. T., Giuliano, T. A., Herselman, J. R., & Johnson, S. M. (2016). Three's a crowd: Public awareness and (mis) perceptions of polyamory. *Psychology & Sexuality*, 7(2), 69-87. <https://doi.org/10.1080/19419899.2015.1004102>

- Ka, W. L., Bottcher, S., & Walker, B. R. (2020). Attitudes toward consensual non-monogamy predicted by sociosexual behavior and avoidant attachment. *Current Psychology*, 1-9. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00941-8>
- Lehmiller, J. J. (2018). *Tell me what you want*. Da Capo Press.
- Lehmiller, J. J. (2020). Fantasies About Consensual Nonmonogamy Among Persons in Monogamous Romantic Relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 49(8), 2799-2812. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01788-7>
- Lins, R. N. (2017). *Novas formas de amar*. Editora Planeta do Brasil.
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (2021). Uma Medida de Satisfação com o Relacionamento Amoroso. *Avaliação Psicológica*, 20(1), 11-22. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2001.18901.02>
- Moors, A. C. (2017). Has the American public's interest in information related to relationships beyond "the couple" increased over time?. *The Journal of Sex Research*, 54(6), 677-684. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1178208>
- Moors, A. C., Conley, T. D., Edelstein, R. S., & Chopik, W. J. (2015). Attached to monogamy? Avoidance predicts willingness to engage (but not actual engagement) in consensual non-monogamy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(2), 222-240. <https://doi.org/10.1177/0265407514529065>.
- Moors, A. C., Selterman, D. F., & Conley, T. D. (2017). Personality correlates of desire to engage in consensual non-monogamy among lesbian, gay, and bisexual individuals. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 418-434. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1367982>
- Morrison, T. G., Beaulieu, D., Brockman, M., & Beaglaioich, C. Ó. (2013). A comparison of polyamorous and monoamorous persons: Are there differences in indices of relationship well-being and sociosexuality?. *Psychology & Sexuality*, 4(1), 75-91. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.631571>
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, 97, 88-97. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.030>

- Péchy, A., & Braun, J. (2021, February 19). Jovens estão trocando a monogamia por relacionamentos abertos [Web page]. Retrived from <https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-estao-trocando-a-monogamia-por-relacionamentos-abertos/>
- Rubel, A. N., & Bogaert, A. F. (2014). Consensual Nonmonogamy: Psychological Well-Being and Relationship Quality Correlates. *The Journal of Sex Research*, 52(9), 961–982. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.942722>.
- Schechinger, H. A., Sakaluk, J. K., & Moors, A. C. (2018). Harmful and helpful therapy practices with consensually non-monogamous clients: Toward an inclusive framework. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 86(11), 879. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/ccp0000349>
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the Big Five?. *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141-177. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1999.2267>
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. D. (2016). Fatores associados ao bem-estar subjetivo em pessoas casadas e solteiras. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 313-324. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200013>
- Séguin, L. J., Blais, M., Goyer, M. F., Adam, B. D., Lavoie, F., Rodrigue, C., Magontier, C. (2017). Examining relationship quality across three types of relationship agreements. *Sexualities*, 20(1-2), 86-104. <https://doi.org/10.1177/1363460716649337>.
- Silva, M. M. C., Caumo, G. R., & Natividade, J. C. (2019). Diferenças nos sete fatores da sexualidade entre indivíduos monogâmicos e não-monogâmicos. Pôster apresentado na 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, João Pessoa - PB.
- Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2018). Willingness of emerging adults to engage in consensual non-monogamy: A mixed-methods analysis. *Archives of sexual behavior*, 47(5), 1423-1438. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1075-5>
- Thompson, A. E., Moore, E. A., Haedtke, K., & Karst, A. T. (2020). Assessing implicit associations with consensual non-monogamy among US early

emerging adults: An application of the single-target implicit association test. *Archives of sexual behavior*, 49(8), 2813-2828. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01625-x>

Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C. S. (2014). Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443-453. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0478-5>

Zanon, C., Dellazzana-Zanon, L., & Hutz, C. S. (2014). Afetos positivos e negativos: definições, avaliações e suas implicações para intervenções. *Avaliação em psicologia positiva*, 49-62.

Considerações finais

O objetivo da presente dissertação foi verificar o efeito do fator de personalidade relacionado a sexualidade Exclusividade em Relacionamentos no bem-estar subjetivo de pessoas em dois tipos de relacionamentos: monogâmico e não-monogâmicos consensuais. Mais especificamente, buscou-se entender qual o impacto no BES de viver um relacionamento amoroso que não condiz com características individuais.

A Exclusividade em Relacionamento foi escolhida para representar as características individuais, pois é um traço de personalidade (portanto, tende a ser estável ao longo da vida) que diz respeito a preferência pessoal quanto a exclusividade de seus relacionamentos amorosos. Pessoas altas em Exclusividade em Relacionamentos tendem a ter relacionamentos monogâmicos e compromissado, enquanto pessoas baixas tendem a se relacionar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000).

Para medir a Exclusividade em Relacionamentos, houve a necessidade de criar um novo instrumento formado por itens contextualizados. Por isso, o primeiro estudo da presente dissertação teve como objetivo construir uma escala de Exclusividade em Relacionamentos, buscar evidências de validade e índices de fidedignidade. Ao final, assim como esperado, a Escala de Exclusividade em Relacionamentos apresentou uma estrutura de dois fatores: cinco itens carregaram no fator Monogamia, que diz respeito a quanto um indivíduo está disposto a engajar-se em um relacionamento exclusivo com uma única pessoa; e seis itens carregaram no fator Fidelidade, que diz respeito a quanto um indivíduo está disposto a se manter fiel ao acordo de um relacionamento amoroso. Os dois fatores apresentaram correlações com apego, sociossexualidade e personalidade, conforme esperado teoricamente. Os dois fatores da escala também apresentaram índices de fidedignidade adequados.

No segundo estudo, utilizou-se a escala construída no primeiro estudo para atingir o objetivo geral da dissertação. A hipótese construída era de que pessoas em relacionamentos amorosos que não condizem com seus respectivos níveis de Exclusividade em Relacionamentos apresentariam menores níveis de BES, pois estariam em conflito consigo mesmas, logo experienciariam mais afetos negativos, menos afetos positivos e teria uma menor satisfação com a vida.

Os resultados mostraram que o fator Monogamia impacta positivamente nos afetos positivos e na satisfação de vida, porém apenas de pessoas em relacionamentos monogâmicos. Visto que relacionamentos amorosos representam uma parte importante na vida dos indivíduos é natural assumir que a frequência em que se vivencia emoções positivas e a satisfação com a vida aumentam quando se está em um relacionamento que condiz com suas características individuais.

Esse resultado, porém, não foi visto na amostra de indivíduos em RNMC. Uma possível explicação para isso é que as pessoas que engajam em relacionamentos que fogem a mononormatividade, o fazem justamente para serem verdadeiras com suas características individuais. Logo, esse grupo seria composto por pessoas majoritariamente com menores níveis de Exclusividade em Relacionamentos, e portanto, essa característica não apresentaria um impacto no BES, pois não há como comparar diferentes níveis desse traço.

Para estudos futuros, propõe-se a investigação de como a cultura mononormativa é percebida e quais os efeitos na vida daqueles que decidem engajar em RNMC. O escopo de conhecimento científico produzido no Brasil sobre RNMC é escasso, mesmo que o interesse do público em geral acerca do assunto pareça aumentar.

Referências

- Anderson, E. (2010). “At least with cheating there is an attempt at monogamy”: Cheating and monogamism among undergraduate heterosexual men. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(7), 851-872. <https://doi.org/10.1177/0265407510373908>
- Conley, T. D., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Ziegler, A. (2013). The fewer the merrier?: Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 13(1), 1-30. <https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2012.01286.x>
- Conley, T. D., Piemonte, J. L., Gusakova, S., & Rubin, J. D. (2018). Sexual satisfaction among individuals in monogamous and consensually non-monogamous relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 35(4), 509-531. <https://doi.org/10.1177/0265407517743078>
- Diener, E. (2013). The remarkable changes in the science of subjective well-being. *Perspectives on Psychological Science*, 8(6), 663-666. <https://doi.org/10.1177/0265407517743078>
- Dush, C. M. K., & Amato, P. R. (2005). Consequences of relationship status and quality for subjective well-being. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(5), 607-627. <https://doi.org/10.1177/0265407505056438>
- Finn, M. (2012). Monogamous order and the avoidance of chaotic excess. *Psychology & Sexuality*, 3(2), 123-136. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.551834>
- Hutzler, K. T., Giuliano, T. A., Herselman, J. R., & Johnson, S. M. (2016). Three's a crowd: Public awareness and (mis) perceptions of polyamory. *Psychology & Sexuality*, 7(2), 69-87. <https://doi.org/10.1080/19419899.2015.1004102>
- Ka, W. L., Bottcher, S., & Walker, B. R. (2020). Attitudes toward consensual non-monogamy predicted by sociosexual behavior and avoidant attachment. *Current Psychology*, 1-9. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00941-8>

- Lehmiller, J. J. (2020). Fantasies About Consensual Nonmonogamy Among Persons in Monogamous Romantic Relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 49(8), 2799-2812. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01788-7>
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (2021). Uma Medida de Satisfação com o Relacionamento Amoroso. *Avaliação Psicológica*, 20(1), 11-22. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2001.18901.02>
- Moors, A. C., Conley, T. D., Edelstein, R. S., & Chopik, W. J. (2015). Attached to monogamy? Avoidance predicts willingness to engage (but not actual engagement) in consensual non-monogamy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(2), 222-240. <https://doi.org/10.1177/0265407514529065>.
- Moors, A. C., Selterman, D. F., & Conley, T. D. (2017). Personality correlates of desire to engage in consensual non-monogamy among lesbian, gay, and bisexual individuals. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 418-434. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1367982>
- Morrison, T. G., Beaulieu, D., Brockman, M., & Beaglaioich, C. Ó. (2013). A comparison of polyamorous and monoamorous persons: Are there differences in indices of relationship well-being and sociosexuality?. *Psychology & Sexuality*, 4(1), 75-91. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.631571>
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, 97, 88-97. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.030>
- Rubel, A. N., & Bogaert, A. F. (2014). Consensual Nonmonogamy: Psychological Well-Being and Relationship Quality Correlates. *The Journal of Sex Research*, 52(9), 961-982. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.942722>.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the Big Five? *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141-177. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1999.2267>
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. D. (2016). Fatores associados ao bem-estar subjetivo em pessoas casadas e

- solteiras. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 313-324.
<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200013>
- Séguin, L. J., Blais, M., Goyer, M. F., Adam, B. D., Lavoie, F., Rodrigue, C., & Magontier, C. (2017). Examining relationship quality across three types of relationship agreements. *Sexualities*, 20(1-2), 86-104.
<https://doi.org/10.1177%2F1363460716649337>
- Silva, M. M. C., Caumo, G. R., & Natividade, J. C. (2019). Diferenças nos sete fatores da sexualidade entre indivíduos monogâmicos e não-monogâmicos. Pôster apresentado na 49ª *Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, João Pessoa - PB.
- Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2018). Willingness of emerging adults to engage in consensual non-monogamy: A mixed-methods analysis. *Archives of Sexual behavior*, 47(5), 1423-1438. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1075-5>
- Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C. S. (2014). Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443-453. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0478-5>
- Zanon, C., Dellazzana-Zanon, L., & Hutz, C. S. (2014). Afetos positivos e negativos: definições, avaliações e suas implicações para intervenções. *Avaliação em psicologia positiva*, 49-62.

Apêndice A - Escala de Exclusividade em Relacionamentos

Escala de Exclusividade em Relacionamentos

Abaixo você verá uma série de frases que dizem respeito a sentimentos, opiniões e comportamentos que as pessoas possam ter. Por favor, leia atentamente cada uma das sentenças e avalie o quanto você acha que elas descrevem você.

Para cada frase, você tem a opção de marcar de "1" a "7". Se você acha que a sentença não tem nada a ver com você, marque "1". Se você acha que a frase o descreve perfeitamente bem, marque o "7".

Considere que quanto mais você acha que a frase é apropriada para descrevê-lo, maior deve ser o valor a ser marcado na escala; quanto menos você identificar-se com a descrição feita, menor será o valor a ser registrado na escala. Note que qualquer valor da escala pode ser marcado, o que importa é a sua opinião.

Não existem respostas certas ou erradas. É importante que as suas respostas sejam sinceras. Por favor, responda a todos os itens.

	Não tem nada a ver comigo						Descreve-me perfeitamente bem
	1	2	3	4	5	6	7
1. Não vejo problema em ser infiel, desde que meu(minha) parceiro(a) amoroso(a) não descubra.	1	2	3	4	5	6	7
2. Em termos de relacionamento amoroso, gosto da ideia de passar a vida inteira com uma única pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
3. Sou do tipo que quando estou em um relacionamento amoroso comprometido, às vezes dou umas escapadas e fico com outra(s) pessoa(s).	1	2	3	4	5	6	7
4. Prefiro um relacionamento amoroso sério com uma pessoa só, a ficar com várias(os) sem compromisso.	1	2	3	4	5	6	7
5. Não veria problemas em trair um(a) parceiro(a) de relacionamento amoroso.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu gosto de exclusividade em um relacionamento amoroso.	1	2	3	4	5	6	7
7. Acho que a traição em relacionamento amoroso é um problema só quando	1	2	3	4	5	6	7

quem é traído descobre.							
8. Em termos de relacionamentos amorosos, prefiro ficar com várias pessoas sem me prender a ninguém.	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu prefiro terminar um relacionamento amoroso a ser infiel.	1	2	3	4	5	6	7
10. Não gosto de me prender em um único relacionamento amoroso.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu não consigo ser fiel a um(a) único(a) parceiro(a) amoroso(a).	1	2	3	4	5	6	7

Cálculo dos fatores

Inverter os itens 1, 3, 5, 7, 8, 10, 11;

Monogamia: calcular média aritmética dos itens: 2, 4, 6, 8, 10;

Fidelidade: calcular a média aritmética dos itens 1, 3, 5, 7, 9, 11.